

DOZEN

O zen da terra

LE MOULIN DE VAUX AGOSTO 1999

TEISHO nº1

Durante este sesshin, vou falar de dozen, “o zen da terra”.

Eu comecei a visitar a Europa há mais ou menos dez anos e desde há cinco anos vivo de forma permanente na França, eu constato que o movimento zen é de fato um zen para os leigos, e que não existe um mosteiro zen autêntico se bem que o zazen e o ensinamento estejam já implantados e isto é o principal.

Nós começamos um sesshin de uma semana durante o qual faremos somente oito zazen por dia o que é muito fraco. Eu falarei deste “zen da terra”, o que não tem nada de novo já que se trata de um retorno às origens do zen.

Historicamente, os mestres zen vêm da escola Vinaya. No Vinaya há muitos preceitos, mandamentos (mais ou menos duzentos e cinqüenta), que claro que são fundamentais para os budistas zen porque todos estes pequenos detalhes enunciados nos preceitos controlam nossa vida. Entretanto, se deixamos isto se instalar exageradamente, não existe mais liberdade nem energia dinâmica.

Quando o sexto patriarca Hui-neng praticava enquanto leigo, ele lavava o arroz para quinhentos monges. Em seguida, Mestre Hyakujo chegou e erigiu um sistema baseado sobre a independência dos mosteiros zen. Mestre Hyakujo escreveu um livro, que hoje está desaparecido, chamado *Hyakujo Shingi*, “As regras de Hyakujo para a comunidade”. Estas regras contém mais ou menos as bases do Hinayana com entretanto uma visão muito diferente daquela escola.

Foi esta a época em que os monges zen começaram a trabalhar a terra. Na Índia, os monges e os religiosos não trabalhavam. No *Sutra do Bharadvaja Trabalhador*, conta-se que o Buda Gautama, quando estava viajando e fazendo mendicância, encontrou com um camponês que lhe disse: “*Eu trabalho duro durante o dia todo; quanto a você, nada faz, senão pedir comida. Isto não me parece ser uma atitude justa*”. O Buda respondeu: “*Você não tem razão, eu também trabalho, e eu também cultivo*”. O camponês respondeu: “*Não, não, você finge que trabalha, mas isto não é nada*”. O Buda disse: “*Eu também cultivo, eu cultivo o espírito de cada pessoa, eu também trabalho e semeio*”.

Então, na Índia, os religiosos não trabalhavam a terra, não tinham atividades comerciais, somente viviam da mendicância, mas quando o budismo chegou na China, por causa de condições históricas, foi preciso que eles trabalhassem e então começaram a trabalhar a terra porque certos imperadores taoístas atacavam os budistas, queimavam os templos, os sutras e destruíam as estátuas. Assim para continuar a transmitir o *Dharma*, os monges aprenderam a se privarem de todos seus benefícios anteriores e começaram a trabalhar a terra.

Neste trabalho da terra, há outra coisa além do simples respeito ao trabalho, isto vai muito mais longe, é muito mais global. Nossa prática de zen é claro, uma prática religiosa, espiritual: buscamos respostas a perguntas às vezes metafísicas, nos interrogamos sobre a finalidade desta existência. Entretanto, não somos filósofos, já que finalmente é preciso que

voltemos a esta realidade, a saber, que é preciso que trabalhemos, não somente com o espírito, mas também com o corpo, este corpo que necessitamos alimentar, curar, etc.

Nos mosteiros zen, existem sete construções principais (estas construções simbolizam o corpo humano): o portão de entrada, o pavilhão de Buda, o *batto* (a sala de cerimônias onde também é dado o ensinamento), o *zazendo*, a cozinha, o banho e finalmente os banheiros. Não há uma torre e a biblioteca não faz parte destas sete construções principais. Os banheiros são um dojo para prática e o mesmo vale que a sala de banho e a cozinha. A prática nestes lugares é considerada mais importante que a biblioteca: se trata de manifestar o *Dharma* com o corpo e é por isto que o *samu* (trabalho físico) é tão importante.

Quanto a Mestre Hyakujo existe uma história que se tornou célebre, a saber: “Um dia sem trabalho é um dia sem comida”. Contrariamente aos países comunistas onde, de maneira autoritária, é decidido que os trabalhadores ganham por direito, Mestre Hyakujo se auto-impunha esta regra. Mestre Hyakujo viveu até a idade de noventa e cinco anos e se bem que fosse muito idoso queria continuar a trabalhar com os jovens monges.

Todo mundo conhece esta anedota: Um dia, os monges que tinham piedade dele porque o consideravam idoso demais para trabalhar, esconderam suas ferramentas. Mestre Hyakujo então começou uma greve de fome e continuou a greve até que suas ferramentas lhe fossem devolvidas. Então diferentemente da maior parte das pessoas que desejam trabalhar o menos possível recebendo um salário importante, com Mestre Hyakujo, o contrário tomava lugar.

Se, no fim do ano, recebermos do Japão os fundos necessários para a compra deste terreno, haverá muito trabalho. São coisas que já são praticadas no Brasil.

No Japão dizemos que um fundador é aquele que abre um templo na montanha, mas nos dias de hoje, isto é muito simbólico. No que nos toca, se trata simplesmente de entrar na montanha, de abrir uma passagem na floresta, de desbravar e de construir algo.

Por ocasião de minha última viagem ao Brasil, durante cinquenta dias, foi por assim dizer uma maratona de *sesshins*, de conferências, de cursos sobre o budismo. Fiz mais de dez *sesshins* e *samus*, todos cansativos.

Neste momento, no Brasil, um novo mosteiro está por ser construído num parque nacional. Para chegar a este lugar, temos que andar cem quilômetros, ou seja, três horas de carro. Em seguida é necessário trocar este carro por um jipe porque a estrada é muito difícil, mas chegando lá, é muito conservado e belo.

O responsável deste mosteiro nos contou que no ano passado, lobos, perseguidos por cães, foram se refugiar no mosteiro. Então o responsável foi ver os proprietários dos cães para lhes dizer: “Por favor, alimente seus cães, senão eles atacam os lobos”. Engraçada esta história não é? Mas bem, isto acontece.

Nos mosteiros no Japão há muito trabalho (o *samu*): plantação de legumes, picar madeira para a cozinha ou para aquecimento durante o inverno. Em Shogoji (este templo japonês aberto a ocidentais) existe igualmente um “*samu*-banheiro” que consiste em remover os excrementos e a lhes transportar para outra parte. É um trabalho de lixeiro, que os Ocidentais não querem fazer porque não o consideram higiênico. Se bem que exista ainda assim um sistema de evacuação a água, continua o sistema antigo de manutenção destes banheiros para que os praticantes possam experimentar este trabalho que faziam os antigos.

No Japão, temos um samu que consiste em colher nabos – este legume com uma longa raiz – para alimentar o gado. Com estes nabos (*haji*) fazemos *takuans* (pickles). Colhemos os nabos no inverno, os limpamos no rio, e como faz muito frio, é um trabalho muito duro. Temos igualmente o *samu* das *ume* (ameixeiras) que fazemos para produzir as *umeboshi* (ameixas maceradas).

No inverno, transportamos o conteúdo dos banheiros para os colocar nas raízes das árvores e as proteger durante o inverno. Depois da fermentação, isto vira um composto.

Para voltar ao Brasil, temos também um “*samu*-formiga”. Aqui, não podemos imaginar o que são estas formigas, mas podemos dizer que no Brasil, as formigas trabalham mais do que os Brasileiros porque elas trabalham também durante a noite... Numa noite, uma árvore coberta de folhas como esta diante de nós pode ficar completamente nua e sem folhas! Certas formigas sobem nas árvores enquanto que as outras ficam aguardando ao pé da árvore, recebem as folhas e as transportam, não por curtas distâncias, mas por centenas de metros. É a causa de ter que as monitorar para que numa noite todas as plantações não sejam destruídas. Para combater as formigas pratica-se a agricultura biodinâmica que consiste de plantar, longe das culturas para as proteger, gergelim e erva cidreira os quais elas gostam: com isto, elas se instalam nestas plantas e deixam as outras.

Temos também um “*samu*-chá verde”. Agora, este trabalho de fabricação de chá está mecanizado, mas nos tempos antigos, era preciso aquecer as folhas a vapor, em seguida as rolar se apoiando fortemente em cima de cada uma delas. Era um trabalho muito duro, fazia muito calor.

Na prática, nada mais existe que o *zazen*, há o *dokusan*, a entrevista com o mestre e também o *takuhatsu* (a mendicância) o que quer dizer que é preciso caminhar mais de dez quilômetros compreendendo aqui caminhar na montanha, subir, descer... Se não temos uma boa prática de *zazen*, se não sabemos nos desligar do sofrimento, isto pode ser observado durante o *takuhatsu* e não o podemos fazer corretamente.

Há um responsável pelo *takuhatsu*. É importante porque, fisicamente, cada um é diferente, há jovens, velhos, homens e mulheres. Às vezes há uma competição entre os jovens monges que querem caminhar muito rápido para chegar aos seus objetivos e é por isto que deve se tomar muito cuidado para que os mais fracos não sejam os últimos da fila a fim de que os que os precedam possam os estimular para avançar e para manter o ritmo.

Esta linha de monges que fazem *takuhatsu* é chamada *gankeo* porque se parece às linhas muito belas que adotam os patos selvagens para se deslocar pelos céus. Fazer *takuhatsu* de forma harmoniosa é muito difícil porque, quando estamos fatigados diminuímos o ritmo, nos separamos dos outros e para os alcançar novamente começamos a correr, ficamos ofegantes, de forma que ficamos ainda mais fatigados e incapazes de caminhar normalmente.

Esta prática que é feita na estação mais fria, é chamada *kangyo*. Quando andamos na neve com sandálias de palha, estas sandálias provocam ferimentos nos pés, que sangram, mas por isto mesmo recebemos mais dinheiro... Durante três meses, todas as manhãs, continuamos o *takuhatsu*.

Às vezes há o “*samu*-neve”. Em certos mosteiros, pode cair até dois metros de neve numa só noite e então é preciso tirar a neve dos telhados para evitar que as telhas se quebrem e provoquem enormes estragos.

De um lado, o treinamento zen é efetivamente muito metafísico, muito filosófico, até mesmo poético, de um outro lado é um treinamento muito físico e se o corpo não é possível continuá-lo. O treinamento do zen é global, é um treinamento do corpo e mente.

Na era de ouro do zen, na dinastia Tang, muitos *koans* seriam trocados durante o *samu*. Temos a tendência de privilegiar a metafísica à realidade, mas é um erro porque na realidade as teorias mais belas não funcionam. É a razão pela qual este contato direto com a terra é importante.

O budismo Hindu é muito filosófico; chegando na China, se tornou muito mais realista, e quando se instalou no Japão, foi ainda outra coisa, porque se diz que o Japão é mais sentimental, mais emocional. Esta postura, e esta maneira de expressar os sentimentos estraçalhados, cantar com uma voz profunda (é algo como o tango argentino) é o Japão. Na França, onde o zen chegou, eu ignoro qual será a sua característica, talvez o sentido da beleza ou da elegância.

Mestre Ungan perguntou a Mestre Hykujo: *“Todo dia você trabalha muito duro, por que?”*

Mestre Hyakujo respondeu: *“Porque alguém tem necessidade disto”*.

Mestre Ungan disse: *“Por que esta pessoa não vai trabalhar ela mesma?”*

Hyakujo respondeu: *“Não há como esta pessoa trabalhar”*.

Com efeito, este *koan* fala do estado último de nossa alma. Este “eu trabalho por isto”, é *dharmakaya*, o que quer dizer que este estado último e esta realidade não são duas coisas separadas.

Um outro exemplo.

Alguém trouxe o chá. O mestre diz: *“Alguém quer chá?”*

Um monge respondeu: *“Por que ele não pede ele mesmo?”*

O mestre diz: *“Felizmente eu estou aqui para beber o chá”*.

Portanto, eu o posso beber em seu lugar. Isto se faz assim, de forma muito dinâmica, no movimento.

Uma outra história: Durante o *samu*, um mestre está sentado, o pé estendido diante dele. Um discípulo passa com um carrinho de mão no qual ele transportava milho e ele disse: *“Atenção, abra caminho, estou passando”*.

O mestre diz, *“Não, não, meu pé está lá e não tenho vontade de retrain a perna”*.

O discípulo diz: *“E eu, não tenho vontade de parar”*.

E ele passou com o carrinho sobre a perna e continuou em seu caminho. O mestre não ficou encolerizado.

Neste *koan*, existe algo de muito dinâmico, se cria uma relação e uma troca muito dinâmica.

TEISHO nº2

Neste *sesshin*, eu estou falando de *dozen*, o zen da terra.

No Shobogenzo, há um capítulo chamado “Gyoji”, “Prática Incessante”. Este capítulo – o mais longo do Shobogenzo – é composto de duas partes. Muitos mestres aparecem neste texto, que Mestre Dogen chama às vezes kobutsu (budas velhos) e que são mestres dos tempos antigos. Aqui, “velho” não quer dizer “idoso”, mas “autêntico”, “cheio de verdade”. Podemos ter uma confiança absoluta no exemplo dado por todos estes mestres e os aceitar completamente, porque se Dogen Zenji escolheu os citar, não é somente por causa de um *koan*, mas porque ele estudou todas suas vidas. Com efeito, quando estudamos a vida destes mestres, constatamos que eles praticaram um mínimo de vinte anos, e um máximo de quarenta anos. Não se trata de uma prática devida a alguns *zazens* por semana, mas de uma prática constante. Atualmente muito poucas pessoas praticam desta forma e muito poucas pessoas podem se comparar a estes mestres dos tempos antigos.

Hoje, para falar deste “zen da terra”, eu escolhi falar de Mestre Isan, um discípulo de Mestre Hyakujo, do qual falei ontem. A partir de Mestre Hyakujo, muitos discípulos apareceram, Isan sendo um deles. Isan foi o fundador da escola Zen chamada “Igyo”, palavra formada a partir das primeiras letras de Mestre Isan e de seu discípulo Mestre Gyosan. Houveram cinco escolas de zen: Rinzaï, Unmon, Igyo, Hogen, Soto, cada uma delas tendo suas próprias características. Nos dias de hoje somente sobrevivem a Soto e a Rinzaï. Existem muitas histórias a propósito de Isan, entre outras aquela que ele era *tenzo* do mosteiro de Mestre Hyakujo.

Uma pessoa (tratava-se de um praticante leigo que era uma espécie de adivinho) chamado Shiva chegou ao mosteiro e disse a Hyakujo: “*Eu encontrei um lugar, um terreno ideal para instalar um mosteiro. Sobre este terreno, seria possível abrigar mil e quinhentos monges?*”.

Hyakujo disse, “*Bem, neste caso vou para lá?*”.

O praticante respondeu: “*Não, Mestre, não, isto não é para você?*”.

Hyakujo disse: “*Por que?*”

O praticante respondeu: “*Esta montanha é de carne, e você, você não é um ser de carne, você é um ser de osso. Se você for para lá, haverá no máximo quinhentas pessoas que virão?*”.

É bastante curioso. Hoje em dia, temos a moda do feng shui, a geomancia chinesa que provém em parte da medicina chinesa e em parte do Imperador Amarelo. Havia um sutra, um texto taoísta (hoje desaparecido), chamado “O sutra da casa”, que está na origem do feng shui.

Esta anedota é muito interessante porque ela nos mostra que cada mestre tem suas características. Certos mestres podem ter a capacidade de ter ligações com pessoas muito numerosas e guiar mil monges. Outros possuem afinidades com muito poucas pessoas e se cercam de somente vinte monges. Estes últimos são chamados “mestres de ossos”, e seus templos são “templos de ossos”, quer dizer templos muito pobres. “Um templo de carne” é um templo muito rico que atrai numerosos discípulos. Não quer dizer que “o mestre de ossos”

seja de qualidade ruim, este termo indica que ele prefere se ocupar de poucos discípulos somente, também está muito bem. Além disto, entre os discípulos dos “mestres de ossos” pode aparecer um mestre capaz de se ocupar de mil e quinhentos discípulos. Mestre Dogen teve somente um sucessor a quem ele transmitiu o *Dharma*, mas depois de três gerações, o zen se espalhou por todo o Japão com Mestre Keizan.

Aqui está uma história muito célebre que diz respeito à sucessão. Mestre Hyakujo queria designar o futuro mestre deste mosteiro que foi-lhe proposto a ser aberto. Ele tinha um bom discípulo, Isan, que ocupava o posto de *tenzo*, e ele tinha um outro monge chamado Karin, que era o *shuso*, o monge chefe. Hyakujo queria testar estes dois monges a fim de saber qual era o mais apto a se ocupar do mosteiro. O teste consistia em colocar uma garrafa d’água no chão e lhes pedir para ir e vir na sala de cerimônia, em seguida de tossir. Karin fez o que foi requerido, o Mestre lhe disse: “*Não, você, não está bom*”. Isto pode parecer estranho, mas para um grande mestre, não é necessário fazer testes complicados, do gênero “interrogatórios escritos”, um gesto, uma expressão, são suficientes para ver e para compreender.

Karin respondeu: “*Isto não é justo*”.

O mestre, querendo lhe dar uma segunda chance disse: “*Sem chamar isto de uma garrafa d’água, como o chamaria?*”

Karin respondeu: “*Não se pode chamá-lo de um toco de madeira*”.

Veio a vez de Isan, que deu um pontapé na garrafa e se distanciou.

Esta história ficou muito célebre, na porque Isan tenha dado um pontapé na garrafa, mas por causa de sua resposta imediata à pergunta de Hyakujo.

Hyakujo disse: “*Vejam, finalmente foi Isan que venceu*”.

No Mumonkan, o comentário de Mumon é o seguinte: “*Se bem que Isan tenha se libertado do barrete e do avental do cozinheiro, ele recebeu uma responsabilidade bem mais pesada*”.

Mestre Dogen comenta igualmente este episódio no capítulo “Gyoji” do Shobogenzo. Mestre Isan tendo sido designado por Mestre Hyakujo, foi para o Monte Isan, uma montanha muito alta, muito difícil, muito isolada. Nesta ermida, uma choupana de palha, ele levou adiante sua prática dentro do vento, da neve, se alimentando de castanhas, tendo por companhia somente os pássaros e animais selvagens; ele não tinha nenhum utensílio de cozinha, não havia qualquer construção, mas ele praticou assim durante quarenta anos. Em seguida, este lugar se tornou um mosteiro muito célebre, que formou grandes discípulos. É o que explica Mestre Dogen neste extrato do capítulo “Gyoji” consagrado a Isan.

Durante os quinze primeiros anos de sua estadia no Monte Isan, ele não teve qualquer visitante que fosse. Vocês podem imaginar um lugar que podia acolher mil e quinhentas pessoas sem nenhum visitante! Num dado momento, duvidando de sua capacidade, ele pensou em renunciar e decidiu ir embora da montanha. Mas, ao descer, ele se viu face a face com uma grande cobra enrolada que o olhava. Assim, era esta a razão pela qual ninguém subia a montanha! E ele subiu novamente a montanha. Isto é muito interessante para nós.

No mês passado, quando estava no Brasil, fizemos um *ango*, ou seja noventa dias de prática, o que quer dizer noventa dias a viver na tenda, debaixo de chuva, no frio. O *zazendo* tendo

se tornado pequeno demais, começamos a construção do *batto* e fazíamos a cerimônia do lado de fora. Entretanto como os praticantes chegavam e como fazia muito frio foi necessário acelerar as construções. Emprestaram-nos dinheiro que devolvemos no fim do ano porque muitas doações chegaram.

Na montanha, na época de Isan, haviam muitos animais. Mais tarde, Karin (aquele outro monge discípulo de Mestre Hyakujo e que tinha perdido no teste da garrafa) veio se juntar a Isan.

Um dia, quando ele vivia sozinho, um ministro foi visitar Isan e lhe perguntou: “*Você não tem assistente? Você está sozinho?*”

Isan respondeu: “*Sim, tenho dois assistentes?*”.

O ministro: “*Sim, onde estão?*”

Isan chamou: “*Grande tigre! Pequeno tigre!*” E os dois tigres chegaram e se sentaram perto dele.

O ministro ficou amedrontado e foi embora.

Karin não era um monge ruim, mas ele tinha esta estranha característica de estar ligado com “muito” ou “pouco”, mas para voltar novamente a Isan: viver desta forma durante quinze anos! Neste mosteiro que abrimos na montanha (a mil e seiscentos metros de altura) perto do Rio do Janeiro, existem lobos e onças. Na China, onde existem igualmente tigres, conta-se que um mestre, sentado em *zazen*, viu chegar pessoas que tentavam fugir deles. O mestre então se levantou e os cassou para longe com seu bastão... Eu acho que estas coisas podem realmente acontecer.

Dizem que existem lobos no terreno de Entrevaux, mas nunca os vi. Estes lobos – haveriam uns quarenta – vivem em liberdade e vêm espreitar, atraídos por ovelhas. Se colocarmos um bloco de sal numa árvore, eles vêm lambe-lo.

Para voltar a Mestre Isan. Depois de quinze anos, as pessoas que viviam ao pé da montanha descobriram que alguém vivia lá em cima desta montanha e começaram a ajudá-lo. Em seguida, um outro monge (Mestre Daian), discípulo de Mestre Hyakujo e irmão do *Dharma* de Isan, se reuniu a ele, se tornou o *tenzo*, e ficou com ele até que aparecessem mil e quinhentos monges. Em seguida, um ministro que praticava o zen lhes visitou, ele lhes deu celebridade e assim o número de monges só fez aumentar.

O que me interessa, não é como o mestre atingiu o renome, mas ao invés como ele viveu os dez, quinze anos primeiros – como para Mestre Deshimaru que veio do Japão para a França – de fato, como eles passavam estes anos. Que em seguida tivessem aparecido quinhentos ou dois mil monges, claro que é surpreendente, mas não é o essencial.

No mosteiro de Mestre Isan havia um *samu* que consistia de colher folhas de chá verde (“*samu*-colheita de chá”). Eu também tenho vontade de plantar árvores para ter chá verde japonês. Mestre Eisai foi o primeiro a trazer as sementes de chá verde da China para o Japão e nos dias de hoje no Japão há chá verde por toda parte. Em Shogoji, eu encontrei uma família que produzia chá verdade com agricultura biodinâmica. O pai, quando era jovem e hippie, foi à China e à Índia onde ele encontrou com um guru muito célebre com o qual ele praticava yoga. Quando voltou ao Japão, sua filosofia era completamente diferente. Assim,

sua filha, que agora tinha vinte e cinco anos, não estudou como outros filhos e desde a idade de sete anos, ajudava seu pai a construir um chalé tipo finlandês. Ela era muito inteligente, falava inglês. Quando eu a encontrei no Japão, no mosteiro onde ela vinha para praticar o zazen, ela se apresentou dizendo: “Meu hobby é a prática de *zazen*”. Ele gostaria de vir para a França para ajudar de uma forma ou outra.

Eis um *koan* entre Mestre Isan e Kyozan.

Mestre Isan disse a Kyozan, seu discípulo: “*Durante todo o dia fazemos o samu que consiste em colher folhas de chá verde, mas eu não percebo senão o barulho e não chego a ver sua forma. Então, eu te peço, me mostre sua forma original*”.

Isto é já o estudo do zen.

Kyozan sacudiu então uma árvore de chá e disse: “*Estou aqui*”.

O mestre disse: “*Isto não é senão uma função, não é o corpo original*”.

Kyozan disse, “*Para mim, é assim*”.

O mestre nada disse.

O discípulo disse, “*Reverendo, você compreende somente o corpo e não a função*”.

O mestre disse: “*De acordo, eu queria te dar vinte pancadas do bastão, mas eu renuncio a isto*”.

Este *koan* fala do *dharmakaya*, de buda, e quer dizer: eu não estou percebendo nada de você, quero ver sua forma original. Quando praticamos o *samu*, isto ocorre assim. Não sei se vocês compreendem, mas esta é a característica da escola Igyo, uma característica que é aquela de pai e filho: o pai começa uma coisa, e o filho a termina; cada um deles realiza uma meta-de e a realização das duas metades produz algo de completo.

Eis aqui um *koan* considerado como sendo um exemplo típico da escola Unmon, chamada “A Escola dos Imperadores”:

Sobre o palácio flutua a bandeira assinalando que o imperador está em seu palácio, mas que ninguém pode entrar, o que quer dizer: se é fácil de ver a bandeira no exterior, é muito mais difícil de penetrar no palácio e compreender claramente o que se passa.

“*O que é o Buda?*” A resposta é: “*Um pedaço de madeira para limpar o cocô*”.

Alguém perguntou a um discípulo por nome de Tozan (não se trata de Tozan Ryokai, da escola Soto, mas um outro Tozan): “*Qual é o significado da vinda de Bodhidharma da Índia para a China?*” Tozan respondeu: “*Três quilos de linho*”.

O que é isto? Simplesmente que Tozan trabalhava com o linho quando deu esta resposta. Na escola Hogen se diz que estas trocas entre mestre e discípulo são como dois arqueiros cujas flechas se encontram no céu. O mestre repete as palavras do discípulo e este último obtém a iluminação.

A escola Rinzai tem relação com os shoguns, os generais, os personagens importantes. É porque, no Japão, os mosteiros Rinzai estão praticamente todos estabelecidos em grandes cidades. Em Kyoto ou em Kamakura há um conjunto de mosteiros chamados Cinco Montanhas. A escola Soto, é a agricultura. Esta escola está expandida por toda parte no Japão, compreendidos aqui pequenos mosteiros muito pobres.

Como eu disse mais acima, este *koan* entre Isan e Kyozan fala de *dharmakaya*, de buda. Quer dizer: não percebo você senão pelo que você fala; quero ver sua forma original. Quando praticamos o *samu*, isto ocorre assim.

No Brasil temos uma plantação de milho. Este milho cresce alto, muito alto, mas entre as plantas de milho, há outras plantas que se cobrem de pequenos frutos picantes. Cortamos as espigas de milho em seguida e as colocamos num balaio. No fim do dia, quando terminamos este trabalho é preciso ainda retirar estes pequenos picantes e é muito difícil! Levamos em seguida este milho nos balaio, um de cada lado de um burro. É *samu*, o “*samu-milho*”.

Existe também o “*samu-banana*”. Uma vez por semana, com nosso burrinho, íamos para o outro lado da montanha, cortávamos todas as bananas maduras (que se estendiam por um hectare). Neste *samu* nos envolvemos fisicamente e mentalmente. Não temos tempo para pensar em coisas estúpidas, não sofremos nem de insônia, nem de nervosismo, é muito dinâmico.

Mestre Isan pergunta a Kyozan: “*De onde você vem?*”

Kyozan respondeu: “*Eu estou voltando do campo de arroz?*”.

O mestre (Isan) pergunta: “*Está no momento de colher o arroz?*”

Kyozan respondeu: “*O bom momento já passou?*”.

O mestre perguntou: “*Este arroz está ainda verde ou ainda amarelo, ou não está nem verde nem amarelo?*”

Kyozan disse: “*Qual é a sua intenção por trás desta pergunta?*”

O mestre disse: “*Você pode ver?*”.

Kyozan pegou um pouco de arroz e disse: “*Você não me perguntou sobre a cor do arroz, não é?*”

O mestre concordou e disse: “*O rei dos patos ou a rainha dos gansos nada bebe a não ser leite?*”.

Uma vez misturados, o leite e a água não podem mais ser separados. Somente a rainha dos gansos pode consumir o leite e deixar a água de lado. Lá ainda, neste *koan* aqui, se trata do *dharmakaya* e de coisas fundamentais.

Como diz o *Hannya Shingyo*: não há cor, não há cheiro, não há forma, mas esta não-forma está na forma; o vazio é a forma, a forma é o vazio; a vacuidade nada mais do que a forma mesma.

A escola Soto sempre insistiu na importância do trabalho na prática, é o que a diferencia das outras escolas. No que me toca, depois de quatro anos de estudos, me dei conta que o

estudo não poderia somente por si responder aos meus questionamentos e foi por isto que eu entrei no mosteiro. No mosteiro, não temos tempo para pensar porque o corpo fica constantemente ocupado. Além disto, meu corpo ficou mais forte, eu ganhei dez quilos. Foi muito engraçado. Claro que o primeiro *sesshin* foi muito duro – neste momento eu fiquei muito magro – mas depois de dois ou três *sesshins*, com o hábito – comer, trabalhar, limpar – meu corpo mudou e eu ganhei peso novamente. Antes de entrar no mosteiro, todas minhas interrogações, estas questões metafísicas, me deixavam acordado durante a noite enquanto que no mosteiro, quando íamos nos deitar depois do *zazen* da noite, eu dormia antes que minha cabeça tocasse o travesseiro. Não creiam que estando sentados tranquilamente se possa resolver os problemas. É importante extirpar toda esta energia acumulada em si, ir além de seus limites e se temos dúvidas sobre a vida, de as resolver imediatamente senão não podemos dormir, não podemos experimentar a paz espiritual.

Nos dias de hoje, na escola Rinzai, existe o sistema de *koans*. Neste sistema, é exercido um pouco de pressão e com esta pressão não é possível escapar. Então começamos a entrar naquele estado da obscuridade, aquele estado onde tudo fica preto. Se não vivemos “a grande morte” não podemos viver “a grande vida”. Praticar como se faz hoje em dia no dojo de Paris, está bem, mas não é suficiente, de onde veio a idéia de criar um mosteiro que, claro, não será forçosamente como aqueles dos tempos antigos já que vivemos numa época moderna. Veremos como vai.

Antes, os monges budistas estudavam sutras, os livros sagrados como o *Prajnaparamita* de Nagarjuna, uma obra muito complicada em cinco volumes e que necessita de numerosos anos de estudo. Os monges passavam suas vidas a ler livros. A escola Zen trouxe uma espécie de revolução quando ela começou a lavrar a terra. Num sentido esta prática de um trabalho físico dá muito mais liberdade se bem que os monges zen não se preocupem muito exclusivamente de regras “grandes” ou “pequenas”.

Um mestre cortou um gato em dois, um outro mestre cortou uma cobra em dois. Como isto é possível?

Um professor de budismo veio prestar visita a um mestre zen que estava prestes a cortar o mato. Uma cobra apareceu, e ele a cortou em dois. O visitante disse: “*Oh! la la, vim prestar visita a um mestre e este mestre é extremamente brutal e agressivo!*”.

O mondo começa assim:

O professor: “*O que é a bondade?*”

O mestre levou a foice e fez o gesto de cortar: “*Você compreende?*”

O professor: “*Não, não compreendo*”.

De fato, não se trata de cortar a cobra, mas de cortar a “corrente de ouro”. As regras, os preceitos – não matar etc. – são preciosos (como o ouro), mas só mostram um lado. Se restringir às regras faz com que percamos nossa liberdade, e é por isto que, com a foice, o mestre cortou a corrente de ouro. Estas coisas são brutais e surpreendentes.

TEISHO nº3

Durante este sesshin eu falei da agricultura ou do zen na agricultura. Na história do budismo, a passagem da Índia para a China onde os monges começavam a trabalhar a terra constitui de alguma forma uma revolução. No primeiro dia eu falei de Mestre Hyakujo; ontem falei de Mestre Isan; hoje, vou falar de Mestre Nansen, muito célebre por ter cortado um gato em dois.

Mestre Nansen perguntou ao *ino* “*Qual é o trabalho do dia?*”

O *ino* respondeu: “*Se trata de trabalhar no moinho*”.

Mestre Nansen disse: “*Quando você utilizar o cilindro, tenha cuidado de manter o centro imóvel*”.

O *ino* não conseguiu responder.

Neste sistema de *koans*, existem três categorias fundamentais, (na verdade, na escola Rinzai, podemos considerar que existem dez). O primeiro é *hosshin* (*dharmakaya*) quer dizer, o *ken-sho* ou seja a primeira experiência do zen que é a compreensão fundamental das leis do universo; a segunda é *kikan* que é dinâmica, o que quer dizer aplicar esta teoria fundamental nos aspectos múltiplos e muito diferenciados da vida cotidiana. São as duas primeiras categorias fundamentais.

Existem muitos *koans* da categoria *kikan* como aquele do moinho que acabamos de abordar. Existem muitos tipos de moinhos; segundo as necessidades, utilizaremos moinhos de pedra, moinhos de água, ou moinhos de vento. Entretanto, se bem que os moinhos girem, o centro ele mesmo permanece imóvel. Quando o *ino* disse ao mestre que os monges trabalhariam com o moinho, o mestre respondeu: “*Quando utilizamos o cilindro, tenha o cuidado de manter o centro imóvel*”.

Historicamente, filosoficamente, ou de maneira metafísica, todos os grandes pensadores, os filósofos, estudam, se debruçam sobre este centro. É algo como “Deus o Pai gera o Filho”. O Filho tem um corpo, Ele morreu com a idade de trinta e três anos, mas ele voltou ao lado direito do Pai, que está ali eternamente. O Pai não tem corpo, não tem cor, não tem características. Deus o Pai criou cada coisa, mas Ele mesmo não é criado, Ele está imóvel, não-criado, se bem que Ele tenha criado tudo.

Quando Nansen está falando do moinho, ele aplica esta teoria, mas o *ino* (se bem que ele seja o responsável pelas regras do mosteiro, o que é uma posição importante) não compreende. Ontem falamos do *kannin* que ele também, apesar de sua importante posição no mosteiro, não compreendeu o que era o caminho.

Já que este mundo é impermanente, por que buscar por aquilo que não é impermanente? Algo não se move, algo é eterno, e mesmo assim, se buscamos aquilo que é eterno num lugar distanciado jamais o descobriremos. Este lado que não se move, podemos achá-lo no movimento. Meister Eckhart descreveu isto como uma porta que se abre e que se fecha, mas que as dobradiças sobre as quais ela repousa não se movem. É preciso que achemos tais dobradiças e quando as tivermos encontrado podemos então nos mover e ser muito ativos ao mesmo tempo que ficando completamente inativos.

Falo do zen da terra pensando naquele terreno que pode vir ou não. De um outro lado, é preciso que o zen entre também na selva de asfalto, na “grande cidade”, como Paris, onde todo mundo está muito ocupado, onde todo mundo corre sem saber por quê. Além disto, é muito divertido de ver aqueles pedestres que, desde que o sinal muda para o vermelho, se precipitam para atravessar enquanto que os motoristas se enervam. O mais engraçado, é que depois de ter atravessado como loucos, uma vez tendo chegado ao outro lado, não estão mais apressados absolutamente e se detêm para olhar as vitrines de Cristian Dior. Com efeito, eles não tem nada em especial a fazer, mas atravessam de toda forma como loucos. Correm, ficam enervados, se aborrecem uns com os outros. É para evitar isto que é necessário estudar o *koan* do moinho de Mestre Nansen, que nos mostra que quanto mais ocupados somos devemos praticar o *zazen*. Porque temos tantas e tantas coisas a fazer, dizemos a nós mesmos que não temos tempo de fazer *zazen*, mas é justamente porque temos tanto a fazer que é necessário sentar. O que é mais, quando praticamos o *zazen*, ficamos calmos e dormimos bem. No interior do movimento podemos encontrar a calma, é isto o verdadeiro treinamento na vida cotidiana. É por isto que Mestre Nansen se aproveita dos momentos da vida cotidiana para colocar perguntas ao *ino*, onde a outros responsáveis pelo mosteiro.

O objetivo do zen da agricultura não é essencialmente trabalhar a terra, mas de permitir a procura de uma compreensão última de nossa vida. Estes dois lados que parecem se opor, de um lado, o trabalho físico, muito primitivo, e outra parte, uma procura extremamente aguda, afiada, sobre as questões fundamentais da vida são de fato complementares.

As religiões têm a tendência de negligenciar o corpo insistindo na importância do espiritual. Entretanto, se o corpo estiver fraco nada podemos fazer; se não comermos durante dois ou três dias, teremos fome e sequer teremos a força de fazer o que seja ou de pensar profundamente em algo. Finalmente, nossa vida, é a energia do pão e do *genmai*. Hoje, comemos lentilhas, hoje vocês estão na vida e todas estas coisas maravilhosas que falam, finalmente, devem “à energia das lentilhas”.

O *koan* seguinte é assim:

Mestre Nansen pergunta a Shinzan, um outro monge: “O que faz você?”

O monge responde: “Utilizo uma peneira”.

Nansen pergunta: “Você utiliza a peneira com as mãos ou com os pés?”

Shinzan respondeu: “Eu pergunto a você, o que você está me dizendo?”

Shinzan compreendeu o que mestre tinha em mente e Nansen ficou muito feliz.

A peneira que é mencionada aqui é muito grande, é necessário segurá-la muito forte para peneirar aquilo que está no interior. De fato, a expressão “as mãos ou os pés” se refere à dualidade, se trata de uma pergunta feita para colocar a pessoa à prova. Dizem também: uma agulha cuja ponta está envenenada está dissimulada no algodão; se pegar descuidadamente, a agulha espeta, o veneno penetra e a pessoa morre.

Eu peço a vocês, lembrem-se desta história a fim de que um dia vocês possam a contar novamente a um outro mestre. “Um outro mestre”, quer dizer de uma outra forma, não

forçosamente agradável, de tratar, de abordar todas estas questões. Trata-se aqui da dualidade ou da discriminação. Em nossa vida, a discriminação é algo de importante.

Tomemos por exemplo das crianças. Com sua inocência, são sem discriminação e quando eles agem de forma estúpida se fica mais enternecido e não os criticamos. Por outro lado, quando um adulto se conduz de forma incoerente é talvez engraçado, mas é uma prova de não-discriminação de sua parte. Finalmente, a discriminação é a dualidade, é fazer distinções entre o bem e o mal, entre o que é bom e o que é ruim etc. Mas *quem* pode fazer a discriminação? Qual é a medida que permite avaliar o bem ou o mal?

Na escola do *Prajnaparamita* de Nagarjuna, sempre estamos à cata da sabedoria sem discriminação, esta sabedoria com a qual podemos ver as formas originais tais quais são. Na utilização desta peneira, o corpo é importante. Pela observação do corpo daquele que trabalha com a peneira, podemos compreender sua habilidade.

No Brasil, se utiliza uma peneira para limpar o café de suas poeiras e impurezas. Projeta-mos os grãos de café acima da peneira a uma altura de dois ou três metros em seguida os recuperamos na peneira. Este gesto é muito bonito e neste ponto, não é mais trabalho, não há mais mãos ou pés, é o conjunto do corpo que trabalha.

O trabalho da peneira ou do moinho é a ocasião para o mestre observar aqueles que manejam a peneira ou que trabalham no moinho. É um meio de os “pegar” como a linha pega os peixes.

Há um outro *koan*, que não está mais no domínio da agricultura, mas que toca a limpeza das roupas. Num dos capítulos do Shobogenzo, Mestre Dogen explica como limpar o *kesa* e o perfumar com incenso. Nos dias de hoje, temos as máquinas de lavar; é suficiente se apoiar em um botão, isto gira e uma vez torcida, fica tudo amarrotado... Nos tempos antigos, se lavava a mão.

Outro caso: Mestre Nansen estava prestes a lavar as roupas. Um monge se aproximou e lhe perguntou: “*Mas, Reverendo, você ainda é assim?*”

O mestre pegou seu *koromo* molhado, o mostrou e disse: “*Que posso eu fazer com isto?*”

É a questão do corpo – do corpo físico – e do corpo da Lei (*dharmakaya*). Este *dharmakaya* é o que se pode expressar na expressão *shinjin bashin birushanofu*, ou seja *shinjin bashi*: “o corpo puro, verdadeiro do *dharmakaya*”; *birushanofu*: “do Buda Vairocana”. Os tibetanos dizem que este corpo nunca fica sujo, que jamais fica perturbado.

O mestre lava suas roupas. O monge, que não é um principiante e que conhece os truques brinca com ele um pouco quando lhe diz: “*Mas Reverendo, você ainda é assim?*”, você ainda está assim, limpando, purificando? Você ainda está sujo? E quando o mestre diz: “*Que vou fazer com isto?*”, quer dizer: tenho um corpo, temos que comer, temos que nos lavar, senão isto vai dar problemas.

Isto também é uma questão de *samu*. Porque os banhos e os banheiros fazem parte das construções principais para praticar o caminho nos templos? Porque os banhos e banheiros são lugares que facilmente se sujam, é preciso muita atenção e se ocupar disto constantemente. Não somente os banheiros se sujam, mas nosso espírito também se suja facilmente.

No Shobogenzo, Mestre Dogen utiliza uma palavra que ele é praticamente o único que o usa. Trata-se de *fuzenna* “não contaminado”. Este *fuzenna* é sinônimo de *dharmakaya*, é “prática e realização não contaminadas”. Se praticarmos com o objetivo de obtermos o satori (a realização) existe a contaminação; é necessário praticar sem se preocupar com a realização, em que o pensamento da realização venha contaminar a prática. Então a realização virá, naturalmente.

Você está feliz com o *guenmai*, você está contente com sua refeição? Quer dizer: no que lhe toca, você está satisfeito com sua prática de *zazen*? Este tipo de pergunta sempre está ligada com o *guenmai*, é sempre para falar da prática do caminho. No zen, este corpo está extremamente presente: a transpiração, às vezes o odor, é o que dá vida nesta filosofia.

Um *koan* diz: O que é o caminho do Buda? (ou: O que é o Buda?). A resposta é: Quando você beber toda a água do rio de um só gole, eu te direi. Como é possível beber toda a água do Sena, por exemplo? Responder isto intelectualmente é um verdadeiro quebra-cabeça, não se compreende nada. Quando trabalhamos muito e suamos, temos muita sede. Se, uma vez tendo acabado o trabalho, o *tenzo* preparou suco de laranja – ou quem sabe, cerveja se for o último dia do *sesshin* – e se bebermos isto infundavelmente, talvez isto seja “beber toda a água do rio Sena”. O zen, não é muito filosófico ou metafísico, mas estar em contato direto com o corpo.

Muitas escolas desapareceram porque eram essencialmente filosóficas. Podemos citar a escola Kegon, que, se bem que seja muito elevada, profunda filosoficamente, não conseguiu transmitir porque não tinha esta prática global de corpo e mente.

No zen, esta meditação também utiliza o corpo. Porque os padres cristãos começaram a se interessar na prática do *zazen*? Porque desde o começo eles tinham exercícios corporais. Nos mosteiros da Idade Média – por exemplo na ordem dos trapistas – os monges tinham práticas corporais. É a razão pela qual os vemos sempre felizes, bebendo cerveja ou vinho.

“A foice de Nansen” é um outro *koan* muito célebre.

Um dia mestre Nansen foi para as montanhas e começou a trabalhar. Um monge chegou – era um novato – se aproximou de Mestre Nansen e lhe disse: “Qual é o caminho para Nansen?” (Nansen é o nome da montanha que está na origem do nome de Mestre Nansen). O Mestre levantou a foice e disse: “Paguei trezentos mil réis por esta foice”.

O monge disse: “Não, não, não estou perguntando pelo preço da foice, gostaria de saber o caminho que leva a Nansen”.

Nansen disse: “Esta foice corta muito bem!”

TEISHO nº4

Estamos já no quarto dia do *sesshin*. Aparentemente o *zazen* de cada um de vocês está muito bom.

Falo neste momento de *dozen*, “o zen da terra”. Acho que este “zen da terra” é um meio que permite seguir. Este contato com a terra, o Japão já teve isto, e os Estados Unidos também.

Hoje, vou falar de Mestre Obaku. Obaku é um discípulo de Mestre Hyakujo de quem já falamos no primeiro dia.

Depois do sexto patriarca Hui-neng, surgiram duas linhagens: A primeira (escola Rinzai): Nangaku, Baso, Hyakujo, Obaku e Rinzai. São os principais mestres porque entre eles houveram outros grandes mestres; na origem da escola Soto, depois do Sexto Patriarca, houveram: Seigen Gyoshi, Sekito Kisen, Yakusan Igen, Ungan Donjo, Tozan Ryokai, ou seja, cinco gerações de mestres que são os fundadores da escola Soto na China.

Naquela época não havia esta consciência de uma diferença entre Rinzai e Soto ou entre as diferentes escolas de zen, porque havia trocas entre as linhagens e os monges podiam, com toda liberdade, visitar outros mestres. A linhagem Soto era talvez mais reservada, mais discreta, mais fechada em pequenos grupos o que explica porque ela aparecia menos. Dizem que a escola Soto pode ser comparada a uma pequena loja de jóias que contém muitas coisas escondidas, preciosas, que não se pode ver desde o exterior, enquanto que a escola Rinzai seria um supermercado onde se pode achar tudo que se quer. Desde o começo as escolas já tinham mais ou menos este tipo de características.

Hoje, eu vou falar de Mestre Obaku. Mestre Obaku era muito grande em tamanho já que media dois metros e ele tinha um sinal na testa porque fazia muitas prostrações.

Um dia, Mestre Hyakujo perguntou a Obaku: “*De onde vem você?*”

Obaku respondeu: “*Fui procurar cogumelos no sopé da montanha*”.

Hyakujo disse: “*Você viu um tigre?*”

Obaku imediatamente deu um rugido de tigre. Hyakujo sacou da espada e o ameaçou. Obaku deu um sopapo em Mestre Hyakujo. Este explodiu de rir. Há, há, há! E foi embora.

Não conseguimos compreender nada, mas é assim. Chamamos isto de *ki*. O *ki* é o momento exato de onde esta energia se manifesta. Se um disser “Você viu um tigre?” e o outro responder “Que tigre?” está perdido. Não há lugar algum para a consciência discriminatória, o corpo deve imediatamente entrar em ação. É uma característica da escola Rinzai que se pratica ainda hoje em dia.

No dia seguinte, na sala do Dharma, Mestre Hyakujo declarou diante da congregação dos monges: “*Tem um tigre no sopé da montanha, atrás do mosteiro. Cuidado com ele. Ontem fui mordido por este tigre*”. Mestre Hyakujo estava muito feliz com este discípulo. De fato, depois de seus primeiro encontro, ele reconheceu que aquele tipo ali não era qualquer pessoa. O caminho de Mestre Obaku tampouco foi fácil. Mais tarde, Mestre Rinzai apareceu.

Como eu acabei de dizer, Obaku era um gigante e ele batia o tempo todo. Era alguém brutal, mas seus discípulos ficaram muito fortes.

A escola Soto era, quanto a ela, certamente muito intelectual. Um dia quando Mestre Tozan cantava o *Hannya shingyo* (na França, alguns, como Catherine Pagès, cantam já o *hannya shingyo* em francês) ou seja: *não há circunstâncias, não há seis órgãos dos sentidos, nem olho, nem orelha, nem língua, nem sensação de toque, nem consciência de idéias, nem olfato, nem nariz...*, chegando ali, ele disse: *“Mesmo assim, tenho um nariz. O que quer dizer isto?”* Ele foi a seu mestre de ordenação, mas quando este ouviu a pergunta, respondeu: *“Oh! você não pode ficar comigo, é necessário que você consulte um grande mestre para resolver esta questão”*.

De um lado, a escola Soto é muito refinada, muito sensível, intelectual, muito discreta, de um outro lado, é a escola que mais trabalha, sobretudo a terra.

Eis aqui um outro caso de Mestre Obaku. Já vimos que Obaku treinava igualmente com Mestre Hyakujo. Com efeito, um monge podia prestar visita a numerosos mestres porque cada mestre tendo suas próprias características, o monge podia escolher aquele com o qual ele tinha mais afinidades e assim aprofundar sua prática.

Obaku estava perto de Mestre Nansen. Mestre Nansen perguntou: *“Onde você vai?”*

Obaku disse: *“Vou escolher legumes?”*.

Ele fala de “escolher” porque no que toca certos legumes, como o repolho por exemplo, é necessário selecionar os melhores.

Nansen disse: *“Com o que você vai escolher?”*

Obaku mostrou uma faca.

Nansen disse: *“Não, isto é somente o visitante, você ainda não sabe quem é o anfitrião”*.

Obaku deu três batidas sobre sua faca e Nansen aceitou isto.

Esta pergunta de Nansen: *“Com o que você vai escolher?”* quer dizer: Qual é sua medida, o que é aquilo que lhe permite dizer que isto está bom e aquilo está mau? E quando Obaku bateu três vezes sobre sua faca, isto quer dizer que ele sabia muito bem. Todas estas perguntas da vida cotidiana, tais como: Onde você vai? – vou escolher legumes, se tornam perguntas do Dharma, muito profundas, muito importantes.

Depois de Obaku, veio Mestre Rinzai “que recebeu trinta pancadas do bastão”.

Quando Rinzai estava plantando pinheiros na montanha, Obaku lhe perguntou *“Nesta montanha isolada, o que você espera realizar plantando pinheiros desta forma?”*

Rinzai respondeu: *“Em primeiro lugar, é para criar a atmosfera de um mosteiro de montanha”*.

Obaku respondeu: *“Mesmo assim, você já recebeu trinta pancadas do bastão”*.

Rinzai se voltou e golpeou a terra três vezes com sua enxada dizendo: *“Oh! lá lá!”*

Obaku disse: *“Com sua geração, nossa escola crescerá e ficará muito forte”*.

Esta plantação de pinheiros se tornará, para Rinzai, um episódio muito célebre. Eu acho que é muito importante que nós também. Dogen Zenji admirava muito esta história que ele cita no capítulo “Gyoji” do Shobogenzo.

Nos dias de hoje, existem problemas ecológicos causados pela poluição e desmatamento. De cerca de trezentas mil espécies de animais e plantas que existem hoje, poderá restar tão somente cinqüenta mil pelo fim do século. Nos aeroportos, podemos ver os anúncios lembrando a proibição, segundo as leis de Washington, de importar algumas plantas (entre aquelas utilizadas na medicina chinesa), certos animais, por exemplo, os crocodilos. Existem duas mil espécies de orquídeas que é necessário protegerem, de onde a proibição de exportar. A França é um grande país agrícola, mas em outros países, existem muitos, muitos problemas. Se eu falo de orquídeas, é porque queremos nos ocupar de orquídeas. Antes desta lei, as pessoas iam elas mesmas pegar orquídeas nas montanhas para as revender em seguida. Esta colheita selvagem ocasionou a desapareição de certas espécies. Na Província, existem muitas orquídeas nativas daquela região. Claro, nem todas oferecem a possibilidade de uma valorização comercial, nem todas podem decorar os jardins, mas ninguém sabe se uma destas orquídeas não tem por exemplo, a capacidade de curar o aids. Há alguns anos, se ignorava que as folhas – principalmente as folhas – de ginkgo Biloba tinham a capacidade de tratar, e nos dias de hoje virou uma árvore muito preciosa. Quando vamos procurar orquídeas nas montanhas – falamos de caçadores de orquídeas – é importante de deixar uma parte desta planta no solo.

Com as novas técnicas de desmatamento – tratores, bulldozers, cortadores de árvores movidos a gasolina etc. – podemos destruir uma floresta e fazer desaparecer para sempre certas variedades de plantas. Quando plantamos uma árvore, sabemos que não veremos crescer, já que isto leva trinta anos, isto é, somente aqueles na terceira ou quarta geração depois de mim a verão. No templo de Eihei-ji no Japão, as árvores que margeiam uma grande avenida foram plantadas há já cinqüenta gerações.

Eu trouxe grãos de pinheiro. É um pinheiro especial chamado parana (porque se parece com um guarda chuva). Podemos plantá-lo.

Eis aqui um outro koan que diz respeito a Enkan Zenji.

Um monge perguntou a Mestre Enkan: “*O que é o caminho?*”.

O mestre respondeu: “*Que montanha linda e grande!*”

O monge disse: “*Eu somente perguntei o que é o caminho, por que o mestre me respondeu falando da montanha?*”

TEISHO nº5

Depois do sexto patriarca Hui-neng, o zen se dividiu em duas escolas: Rinzai e Soto. Até agora, eu falei de Nangaku, Hyakujo, Nansen, Obaku, que estão na linhagem Rinzai. O outro ramo, o ramo Soto que se formou depois do Sexto Patriarca é aquele de: Seigen Gyoshi, Sekito Kisen, Yakusan Igen, Ungan Donjo e Tozan Ryokai.

Algumas pessoas dizem que a denominação “Soto” foi formada a partir das primeiras leras de **Soke** (o nome da montanha onde vivia o Sexto Patriarca) e **Tozan**. Outros afirmam que este nome veio de Tozan Zenji e de seu discípulo Sozan Zenji, mas neste caso, deveria ter dado “Toso” e não “Soto”.

Depois de Sozan, esta linhagem terminou, mas prossegue com Ungo Doyo. Seja lá como for, todos estes mestres, Sekito, Yakusan, Ungan, Tozan e Ungo estão praticamente escondidos na montanha onde vivem como eremitas, muito concentrados na prática. Às vezes alguns deles escrevem muitos livros, o que é muito importante para compreender a história. Descobrir um mestre através de livros permite que o compreendamos, de constatar a que ponto ele é importante e a o reconhecer. Mas se um mestre não se preocupa em escrever livros e que seu nome não apareça em parte alguma, isto não quer dizer que ele não realizou nada ou que ele não tenha tido uma prática forte.

Sekito, cujo nome quer dizer “Cabeça de pedra” construiu sua ermida no pico de uma montanha rochosa onde ele levava a cabo uma prática constante de *zazen*, de onde proveio seu nome, Sekito. Yakusan quer dizer “A montanha Yaku” sobre a qual davam muitos tipos de plantas radiculares (*shakuyaku*). Yakusan é o primeiro a ter criado o *sodo* tal qual existe hoje em dia e que é a peça onde os monges praticam o *zazen*, comem e dormem. Originalmente, o estábulo de vacas era usado como *sodo*, em seguida os estábulos foram transformados em *zazendo*.

Como vocês podem muito bem imaginar, estas construções não eram nem ricas nem belas, muito pelo contrário, eram muito simples e rudimentares.

Ungan quer dizer “Nuvens e pedras”. Ele vivia numa caverna, tal qual uma nuvem dissimulada numa caverna, o que quer dizer que estava oculto no interior de tal caverna. Vocês podem imaginá-lo dentro desta caverna debruçada numa alta montanha cercada de nuvens? Este terreno situado em Entrevaux no sul é chamado “O Rochedo da Gruta”. Esta palavra “Gruta” pode significar uma caverna. Há, me parece, uma certa conexão com estes antigos mosteiros.

Tozan escreveu um livro que se chama “As regras de Tozan”. Ele é o primeiro a ter feito um poema sobre a experiência da iluminação. Yoka Daishi escreveu o *Shodoka*, “O canto da iluminação”, mas Tozan Zenji fala de sua própria experiência que ele expressa através de sua própria poesia e ele pode ser o primeiro mestre zen que teve uma conexão com a filosofia do zen e da literatura zen. No *Hokyo zanmai*, Tozan Zenji (807-869 DC) fala do goi, “os cinco graus”. Existe também o *Shinjinmei*, escrito por Kanchi Sozan (?-606 DC).

Quando Tozan Zenji encontrou seu mestre (Ungan) ele lhe disse: “Se depois de sua morte, alguém me perguntar com o que você parece, para fazer um retrato teu, o que é que eu posso dizer?” (O que quer dizer que ele recebeu a transmissão).

O mestre respondeu: *“Você pode dizer: ‘Ele era assim’?”*

Tozan não compreendeu a resposta do mestre e prosseguiu em sua viagem, a fazer peregrinações com outros mestres. Um dia, quando ele estava atravessando um rio, no momento em que viu sua imagem se refletir na água, ele teve a iluminação e disse: *“Se você busca do lado de fora, isto fica cada vez mais longe. Eu caminho sozinho, e entretanto em cada lugar eu posso o encontrar, porque esta pessoa é eu mesmo”*. O que quer dizer: o mestre está em mim e mesmo assim eu não sou esta pessoa. Se temos esta compreensão, podemos nos tornar “um”, por toda parte, em cada lugar e com cada coisa.

Aquilo que é cantado no *Hokyo zanmai* é: mestre e discípulo se tornam uma só coisa. Se bem que em termos físicos, meu corpo e o seu corpo sejam dois corpos diferentes, de um outro lado, este espaço particular é uma só coisa com todas as coisas. Quando Mestre Ungan disse a Mestre Tozan: Eu sou eu mesmo, eu isto, eu sou ele, naquele momento Tozan não compreendeu, mas ao atravessar o rio, ele compreendeu. Se bem que algo se perpetue do mestre ao discípulo, o mestre é o mestre, o discípulo é o discípulo. É isto que expressa Dogen Zenji no Capítulo “Uji”, “Ser-tempo”: *“Yakusan é Yakusan, ele é o tempo; Hyakujo é Hyakujo, ele é o tempo; cada mestre é em si mesmo o tempo exato”*.

Existe uma outra história, muito simples. Um dia, Tozan trabalhava num campo de chá com um outro discípulo, Shinzan. O mestre arrojou para baixo suas ferramentas e disse: *“Ab! Hoje estou muito cansado”*.

Shinzan disse: *“Como você pode dizer uma tal coisa?”*

Tozan disse: *“Você acha que o fato de não estar cansado seja sempre uma boa coisa? Quando se trabalha duramente nos fatigamos, é normal, e se temos sono, é também o budismo”*.

Não se trata de se superar constantemente ou de se esforçar a ponto de não se dormir; ao contrário, não se trata de se consagrar exclusivamente ao estudo das questões filosóficas ou metafísicas, mas de ter esta relação com o cotidiano. O budismo é tudo isto reunido.

Mestre Seppo, um outro grande mestre, praticava com Tozan. Um dia que ele transportava lenha, chegando diante de Tozan, ele deixou cair a lenha.

Tozan disse: *“Quanto isto pesa?”*

Seppo respondeu: *“Não há ninguém neste mundo que possa levantar uma tal carga”*.

Tozan disse: *“Mas você, você acabou de a trazer até aqui”*.

Seppo não pode responder.

Quando Seppo transportava lenha para fazer fogo e Tozan lhe perguntou quanto pesava aquilo, ele não estava perguntando quanto pesava a lenha, e sim quanto pesava a verdade.

Seppo, aconselhado por Tozan mesmo, foi treinar com Tokusan. Tokusan é muito célebre por sua brutalidade e o uso de seu bastão. Foi ele que disse: *“Se você puder responder, eu lhe dou trinta pancadas do bastão, se você não puder responder, eu lhe dou trinta pancadas do bastão”*.

Seppo é considerado como alguém que tem grandes capacidades. Entretanto, quando ele praticava com mestre Tozan, enquanto que todos seus colegas já haviam obtido uma realização, ele não conseguia e estava sempre sofrendo. Por nove vezes ele prestou visita a Tozan, três vezes ele foi a um outro mestre, mas logo que ele chegava num novo mosteiro, lhe nomeavam como *tenzo* e ele trabalhava na cozinha (como Stéphane). Todos os dias tenzo... De fato, seria necessário encontrar um novo *tenzo*. Quando o *tenzo* fica muito bom, é muito difícil trocá-lo.

No Japão, na linguagem corrente, para designar os banheiros empregamos o nome *sechin*, enquanto que na escola Zen, empregamos o termo *tosu*. “*Tosu*” quer dizer que Seppo está escondido dentro, não para escapular, mas para limpar os banheiros. Na escola Soto, durante o *ango*, é o *shuso*, o monge mais importante, que limpa todas os banheiros do mosteiro.

Na escola Rinzai onde fiz minha formação, às nove horas da noite, quando o programa do dia tinha terminado, todo mundo ia se deitar exceto o *jikido* (o responsável do *dojo*) entreabria levemente a porta (mais ou menos 10 cm.). Neste caso era necessário se levantar, sair e fazer *zazen* durante uma hora ou duas. Se ele fechava completamente a porta, podíamos dormir. Então na hora prevista para se deitar, todo mundo observava na direção da porta pensando: “*Como seria bom se ele fechasse completamente a porta!*”, mas praticamente todo o tempo, ele a abria e era preciso se levantar e todos – do mais velho ao mais moço – iam limpar os banheiros na obscuridade.

Uma outra história:

Um dia, Tozan perguntou a Seppo: “*O que você está fazendo?*”

Seppo respondeu: “*Eu estou fabricando uma manjedoura para os animais.*”

Tozan perguntou: “*De quantos golpes você precisa para quebrar esta manjedoura?*”

Seppo respondeu: “*Somente um.*”

Tozan disse: “*Isto é ainda somente um lado da questão, eu quero um outro ponto de vista.*”

Seppo disse: “*Neste caso, eu não tenho nada a fazer, não vale sequer a pena que eu coloque minha mão al?*”

Tozan disse: “*Isto é ainda somente um lado da questão, eu quero um outro ponto de vista.*”

Seppo não pode responder.

Se bem que Seppo tenha visitado Tozan nove vezes, ele chegou sempre à realização. Estes casos, difíceis de serem compreendidos, me lembram de Miguelangelo. Para fazer uma estátua, primeiro refletimos depois tentamos, com as ferramentas, esculpir tal estátua. Mas Miguelangelo já era um grande mestre, logo que ele via um bloco de mármore, ele podia já ver Moisés no interior dele; deste bloco de pedra a ele era suficiente de tirar tudo que não era a estátua e isto se tornava uma obra prima, aquela do grande Moisés, em Florença.

Outro *koan* de Mestre Tozan e seu sucessor Ungo Doyo Daiocho.

Tozan perguntou: “*O que você está fazendo?*”

Ungo Doyo disse: “*Estou preparando o miso*”. (Na França, todo mundo pronuncia erradamente “*missô*”, mas em japonês dizemos “*miso*”).

Nos tempos antigos, os monges do mosteiro preparavam o *miso* e o *tofu* bem como o *takuan* (aqueles grandes nabos), mas nos dias de hoje eles compram estas coisas prontas e mais ninguém sabe fazê-los. Alguma coisa foi perdida. É necessário dizer que isto não é lucrativo porque esta preparação requer muito tempo, muito trabalho, enquanto que recitando sutras podemos receber muito dinheiro...

Ungan Doyo disse: “*Estou preparando o miso*”.

Tozan disse: “*Como você faz para pesar o sal?*” (Este sal, não é somente sal, é um problema fundamental, como o “sal da terra”).

Ungo Doyo disse: “*Faço assim*”. (Ele pegou o sal e de um só gesto o lançou).

É muito interessante. Com a experiência, não temos necessidade de pesar o sal, porque, em função da massa, o “sentimos”. Mas este saber vem da experiência acumulada durante o tempo; faltando este conhecimento, não podemos conhecer a quantidade de ingredientes a serem usados.

Tozan perguntou: “*Que gosto tem isto?*”

Ungo disse: “*O gosto é perfeito*”.

É muito curioso, esta relação entre mestre e discípulo: se bem que Tozan e Ungo Doyo tivessem praticado junto, tudo estava praticamente realizado desde que se conheceram, ao contrário de Seppo.

Eis aqui uma história muito conhecida que diz respeito a Seppo.

Um dia, Seppo estava na cozinha como tenzo, e preparava o arroz para o desjejum, ele tirava as impurezas do arroz. Tozan chegou e perguntou: “*Você separa o arroz da areia ou você tira a areia do arroz?*” (Típica pergunta).

Tozan respondeu: “*Tiro os dois ao mesmo tempo*”.

Tozan disse: “*Então se os dois são tirados, o que comerão os monges?*”

Neste momento, Seppo pegou sua peneira e jogou o conteúdo aos quatro ventos.

Para testemunhar o Dharma, sem hesitar, é preciso que se creia nele. Quando temos um discípulo que, tendo praticado por numerosos anos, se tornou muito forte, isto pode talvez ser perigoso para o mestre, mas este último também fica forte. Por exemplo: durante *dokusan* (a entrevista com o mestre), o aluno, depois das três prosternações, pode fazer o que ele quiser, pode falar e mesmo agir fisicamente até que o mestre soe o sino. Pode fazer tudo, mas quando soa o sino, acabou, ele tem que se prosternar e sair.

Entretanto acontece que alunos roubam este sino e somem com ele, de forma que o mestre não pode mais continuar.

Dissemos mais acima que Tozan, conhecendo as características de seu discípulo Seppo, lhe havia aconselhado de ir ver Mestre Tokusan, sem quebrar com ele definitivamente, porque ele estava convencido que se seu discípulo praticasse com um outro mestre ele poderia obter a realização. Com efeito, Seppo obteve a realização e em seguida ele teve quinhentos discípulos entre eles Gensha Shibi e Keron.

Então quando Keron transportava uma tábua de madeira muito comprida, Tozan o interpelou: *“Se você cruzar com alguém num caminho muito estreito, o que faria você?”*

Keron respondeu: *“Saia da frente”*.

Tozan ficou muito contente e disse: *“Lembre-se, se você for para o sul e viver por lá, talvez tenha mil discípulos; mas se ao contrário, ficar no norte, você não terá senão trezentos”*.

Foi como aconteceu com Isan, que foi pressentido que ele teria a capacidade de gerar um mosteiro muito grande. Naquela época o sul era um centro econômico muito poderoso. A pergunta que foi colocada: *“Se você cruzar com alguém num caminho muito estreito, o que faria você?”* quer dizer: este caminho estreito, muito estreito, que mal deixa passar uma só pessoa, não se pode escapar dele, não se pode fazer meia volta. Na vida, quando estamos face a face a uma situação inexplicável, estamos então num “caminho estreito”. O que fazer neste caso? Deve-se fazer como Keron e dizer *“Saia da frente”*, o que quer dizer continuar. Todos estes *koans* baseados em fatos concretos falam de fato do caminho e do *Dharma*. Entre as numerosas escolas budistas que praticam a meditação, como a escola Maha Mudra por exemplo, nenhuma comporta um estilo tão dinâmico quanto a escola Zen.

Um monge chegou com uma vaca. Tozan disse: *“Cuidado com esta vaca, senão ela vai no arrozal do vizinho, e vai destruir e comer todas as plantas de arroz”*.

Isto é deveras fácil: para um monge zen, a vaca é si mesmo. Mas este si pode ficar tentado a ir em lugares que não conviria, então é necessário vigiá-la, segurá-la, para que ela não se extravie. Através deste *koan*, nos damos conta que Tozan realmente se preocupa com a vaca.

Há muitas histórias como esta.

Um monge fez fogo para aquecer a água do banho. O mestre chegou e disse: *“O que você está fazendo? Ah! Você está preparando o banho. Está muito bem, quando o banho ficar pronto, uma vaca virá se lavar”*.

O monge compreendeu e quando o banho ficou pronto, ele foi ver o Mestre e lhe disse: *“Mestre, o banho está pronto”*.

O mestre disse: *“Você tem a corda para levar a vaca?”*

O monge a havia esquecido, não se pode fazer nada. O mestre não ficou contente e se dirigiu a um outro monge que tinha mais treinamento. Este último disse ao mestre: *“Mestre, o banho acabou”*.

“Você trouxe a corda?”

E ele pegou o nariz do mestre.

Para o mestre é doloroso fisicamente, mas ele ficou muito feliz porque a resposta do discípulo lhe convinha completamente. Existe nesta atmosfera algo de muito salutar, muito alegre, muito poderoso, às vezes muito engraçado, se bem que duro fisicamente. Vemos que o mestre pensa muito nesta coisa essencial, a saber a transmissão do *Dharma*.

Quando o discípulo praticamente terminou sua formação, às vezes o mestre lhe pergunta: “Para onde você vai?” “Estou partindo à cada de uma montanha”. “Você achou uma boa montanha?” o que quer dizer: Você pode viver sozinho e abrir um novo mosteiro? Quando os discípulos crescem não podem mais ficar perto do mestre, devem ir embora e seguir seus próprios caminhos.

Existem muitas histórias assim, mas por hoje terminou.

Pergunta: Você falou do zen da agricultura. Mas muitos entre nós que vivemos em cidades, as coisas são um pouco diferentes porque ficamos estressados. Você tem algum conselho especial que possa dar para aqueles que vivem em cidades?

Resposta: Nos dias de hoje, o Japão é considerado como estando na ponta da tecnologia, mas estamos vendo uma mudança de mentalidade. Com efeito, constatamos que estes diretores de grandes empresas tais como a Mitsubishi por exemplo, que conduziram suas carreiras com sucesso, trabalharam e viveram no estrangeiro e estão à vontade financeiramente, se colocam antes da idade da aposentadoria, perguntas sobre o sentido de suas existências e desejam uma mudança. Entre estes escalões, alguns decidiram ir viver em lugares quanto mais possível situados no campo ou na montanha mesmo se para isto eles deveriam trabalhar mais duramente fisicamente. Estes vilarejos situados em lugares retirados estiveram eles mesmos desertos numa certa época por seus habitantes que queriam se aproximar das cidades, seja porque eles perdiam muito tempo se deslocando seja por causa dos filhos que começavam seus estudos. É por isto que, nestes vilarejos distanciados, existiam muitas casas vazias. Além destes diretores de empresa, existiam igualmente artistas tendo dinheiro suficiente e para os quais o problema de transporte eram menos importantes que a compra destas casas distantes. Em seguida, criaram comunidades de artistas nestes vilarejos. Esta tendência existe no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, certas pessoas trabalham durante três dias em Nova Iorque em seguida pegam o avião para se juntarem a suas famílias instaladas a várias horas de avião desta cidade. Chama isto de “SoHo” (Small office-Home office). É suficiente criar uma pequena estrutura que permite trabalhar em casa. Graças à informática, não é mais preciso ir ao escritório todos os dias e ali ficar oito a dezoito horas diariamente. É possível ficar ligado ao computador do escritório e trabalhar ao mesmo tempo, ficar em casa e se aproveitar do meio ambiente; mantemos nosso contato com a natureza sem o cortar nossa atividade profissional, podemos trabalhar no nosso próprio ritmo, ser tão eficaz ao mesmo tempo preservando uma qualidade de vida e sobretudo dar uma qualidade de vida aos filhos. Com efeito, estes escalões muito ativos tendo postos de responsabilidade saem frequentemente de manhã quando os filhos ainda dormem e quando voltam de noite, os filhos já estão dormindo de forma que nunca os vêem. Trata-se de uma opção de vida, que certamente requer uma certa preparação.

Durante este *sesshin*, falamos de *dozen*, “o zen da terra”.

Antes que o zen tivesse se instalado na China, existiam numerosas escolas – Kegon ou Tendai – que eram escolas teóricas, filosóficas. A primeira vez que se encontra o zen – isto pode ter acontecido em seguida a uma experiência ou através de livros – ficamos interessados e continuamos a pesquisá-lo. Quanto mais se lê tanto mais os conhecimentos aumentam, mas este saber não é suficiente, alguma coisa está faltando. Quando começamos a praticar o *zazen*, a primeira experiência é a dor, e se chega a ir ao mosteiro se compreende então que esta prática não tem nada com as teorias budistas que estudamos se bem que haja, inegavelmente, fortes conexões entre o saber e a prática.

Na escola Zen existem especialistas de sutras. Tokusan era especialista do Kongo-kyo, “O Sutra do Diamante”, enquanto que Hotatsu (que obteve a iluminação com o Sexto Patriarca) era um professor especialista do Sutra do Lótus; o segundo patriarca Eka era professor de budismo. Quando Eka se encontrou com Bodhidharma, ele lhe disse: “Não tenho paz interior, meu espírito não está pacificado”. Bodhidharma lhe respondeu que não são conhecimentos teóricos nem mesmo pequenas experiências que permitem entrar no caminho. No momento atual, o budismo tibetano está aqui. No que toca o budismo zen, qual é sua visão para o futuro? Naturalmente, para compreender isto, seria necessário estudar o passado, a história do zen.

Eis o caso de Mayoku. Mayoku está prestes a cortar o mato. Um professor do Dharma chamado Ryotsu, veio estudar o zen com ele. Ryotsu cruzou no caminho com Mayoku que ia para os campos cortar o mato com sua foice. Ryotsu gostaria de entrevistar Mayoku, mas este último não se deteve, como se não quisesse vê-lo, como se quisesse evitar o encontro e quando ele voltou dos campos, ele foi rapidamente para seu quarto. O professor deu meia volta e voltou no dia seguinte. Novamente, Mayoku o evitou e se trancou. Podemos imaginar o que foram estes dois dias durante os quais o mestre o repudiava, talvez ele não pudesse mais dormir à noite. No dia seguinte, decidido a resolver o problema, ele bateu no quarto do mestre e insistiu em se encontrar com ele. O mestre disse: “Quem está aí?” ou seja: Quem é você? Ryotsu queria responder, mas antes que as palavras lhe saíssem da boca, ele teve a iluminação. Ryotsu disse então a Mayoku: “Reverendo, eu peço a você, não ria de mim, eu não vim à toa assim, eu passei praticamente toda minha vida estudando os sutras e tenho a impressão de ter perdido o meu tempo”.

Aparentemente, parece que não existe ligação entre a experiência zen – ou seja a experiência direta – e o estudo do *Dharma* (a teoria), mas depois da experiência, teoria e experiência se reúnem novamente. É a razão pela qual começamos a organizar o sistema com numerosos *koans* ou a teoria dos *goi* (as cinco etapas da prática que conduzem à iluminação) de Mestre Sozan. Por que Dogen Zenji não utilizou os *goi*? Quando Mestre Dogen deixou a China para voltar ao Japão, seu mestre, Nyojo Zenji, lhe deu um *kesa* de Tosu Gisei (que viveu quatro ou cinco gerações antes dele), um retrato de Fuyo Dokai, uma cópia do *Hekigan Roku* (cópia redigida em uma noite e que se acha hoje em dia em Daijōji) e os *goi* de Mestre Sozan. Ele recebeu coisas preciosas, mas ele não as utilizou no *Shobogenzo*.

A partir de Mestre Dogen, houve mudanças na história do zen. Quando Mestre Dogen voltou da China para o Japão havia somente a escola Rinzai ou seja o sistema de *koans*. O

sistema de *goi* permitia ordenar as experiências que se pudesse ter ou os *koans* que se tivesse resolvido e saber onde se estava na escala da graduação. Dogen Zenji achou que em sua época, não somente a prática dos *goi* não era necessária, mas que poderia criar problemas.

Mais tarde, Mestre Hakuin – um grande mestre da linhagem Rinzaï – redescobriu estes *goi* que nem a escola Soto nem a escola Rinzaï utilizavam e os utilizou por sua própria conta. Originalmente era material do *Dharma* que existia na bagagem da escola Soto, mas que hoje em dia é utilizado pela escola Rinzaï.

Cada escola tem suas próprias características, sua “matéria prima” do *Dharma*. Para o zen Soto, há o *Hokyo zanmai*, o *Sandokai*, etc; na escola Rinzaï existe também este tipo de material (chamado *shiryoken*). Se o estudo destes textos é indispensável no que nos toca, é necessário entretanto lembrar que nos é incumbido de os transmitir.

Um dia, o Reverendo Nehan disse aos monges: “*Eu peço a vocês, desbravem esta área para criar um arrozal, depois do que eu lhes darei grandes explicações do Dharma*”.

Os monges trabalharam incrivelmente e quando terminaram, vieram para ouvir esta explicação do *Dharma*. O reverendo abriu suas mãos, o que quer dizer que o trabalho no arrozal é o *Dharma*. É uma astúcia para demonstrar que não há nada mais, é uma maneira muito direta de ensinar o caminho.

Aqui está um exemplo mais teórico, mais fácil, que relata uma conversa entre Isan e Sexo, responsável do arroz no mosteiro de Isan.

Nos templos importantes, existem muitos responsáveis. Além do *tenzo*, responsável geral da cozinha, há um responsável pelo arroz, a sopa, os legumes etc.; há igualmente o *gaibo*, o responsável das compras, aquele que vai à cidade para fazer as compras – como Catherine, que vai ao supermercado e que, muito rapidamente, escolhe a melhor qualidade pelo melhor preço. Sem estes numerosos responsáveis nestes postos específicos, um templo de mil e quinhentos monges não poderia funcionar normalmente.

Então Sexo estava limpando o arroz. Isan chegou e disse: “*Este arroz é uma doação que recebemos, então, peço que não desperdice nada*”.

“*Claro que não*”.

Entretanto Isan achou um grão de arroz no chão, ele o pegou e disse: “*O que é isto?*”
Sexo não pode responder.

Isan mostrou este grão de arroz: “*Eu peço, respeite este grão porque deste grão, dez mil grãos podem surgir*”. Neste caso, o grão de arroz é o dharmakaya.

Sexo perguntou: “*Mestre, de onde vem este grão?*”

Isan, muito feliz, se afastou rindo ruidosamente: “*Há há há*”.

Como eu já disse frequentemente, aquilo que é designado através destes objetos materiais, em cada caso, são as teorias fundamentais como o corpo cósmico do Buda. As teorias fundamentais tais como “o corpo cósmico do Buda” são transmitido indiretamente através de objetos materiais.

Minha experiência não é muito grande, mas num mosteiro Rinzai eu fui assistente do *tenzo* durante três meses. Sobre o muro de entrada do local onde trabalhava o *tenzo* havia uma caligrafia indicando: “O peso de um só grão de arroz é o mesmo que aquele do monte Sumeru”. O monte Sumeru é, segundo a mitologia Hindu, a montanha situada no centro do universo, uma montanha mais importante do que o Himalaya. Isto quer dizer que um grão de arroz, que parece ser insignificante, tem tanto valor quanto o Himalaya. Para os Europeus, o valor de só grão de arroz pode ser comparado ao Mont Blanc nos Alpes.

Um dia, eu fui até o superintendente no *tenzo-ryo* (o escritório do *tenzo*) para comprar sandálias de palha para o *takubatsu* (é o *tenzo* que se ocupa da venda de sandálias). Depois de ter batido e me desculpar, fui convidado pelo *tenzo* a entrar. Quando abri a porta, eu vi que ele estava sentado em *zazen* e fiquei muito impressionado, sabendo que o *tenzo* sempre tinha tanta coisa para fazer. No que me toca, se eu tivesse tempo livre, talvez fosse me deitar, mas ele estava sentado em *zazen*, sozinho, escondido em seu próprio quarto, e isto realmente me impressionou. Agora ele é certamente Roshi deste mosteiro e não o chamamos mais de Daishin san, mas Daishin Roshi. Na minha época ele era *tenzo*. Estes responsáveis – *tenzo* ou responsáveis da batata – são muito importantes.

Um monge perguntou a Soshin: “*Quais são os três tesouros?*”

O mestre respondeu: “*O arroz, o trigo e os feijões*”.

O aluno disse: “*Não compreendo*”.

O mestre disse: “*Todo mundo fica feliz de recebê-los*”.

Ele quer dizer que já que o arroz, o trigo e os feijões são necessários em nossa vida cotidiana, ficamos felizes de os obter e os respeitamos, exatamente como os três tesouros. É uma maneira mais direta de falar dos três tesouros.

Um monge perguntou a Daibai Hojo: “*Qual é o significado do Dharma-de-Buda?*”

Daibai Hojo disse: “*Uma agulha de bambu e um fio de linha*”. (Porque naquele momento, ele estava fazendo um *kesa* ou de remendar um *koromo*).

Os dias terminados em quatro e nove são chamados em japonês *Shikunichi* são os dias, não de repouso, mas aqueles quando se pode acordar mais tarde. É mais relaxado e às vezes não há *zazen*. De manhã, raspamos a cabeça, tomamos um banho, lavamos as roupas, costuramos, fazemos um pouco de tudo, aqui compreendido a *moxa* para curar as pernas ou acupuntura. Nos dias de hoje, descemos para a cidade, vamos ao cinema, ou a um restaurante... Se bem que tudo tenha se tornado mais fácil, perdemos algo de importante.

Outro exemplo. O koan do búfalo de Isan e Nansen.

Pergunta de Isan: “*Mestre, depois de sua morte, para onde irá?*”

Nansen responde: “*Vou renascer como búfalo na casa dos vizinhos*”.

O que o mestre diz é: Vou renascer como búfalo para ajudar esta família, lhes prestar toda ajuda que eles nos prestaram nesta vida. Estes vizinhos que sustentaram Mestre Nansen

não são necessariamente praticantes, mas ao ajudar Mestre Nansen, eles também participaram da edificação do mosteiro.

Perto do mosteiro vivem velhas mulheres. Estes boas velhas mulheres muito severas, muito incisivas, sempre oferecem café e às vezes mesmo refeições aos visitantes que devem obrigatoriamente passar diante da casa delas. Ora, com uma só olhada, esta velha mulher é capaz, tal qual um profeta, de ler o pensamento dos outros, de adivinhar tudo que vai se passar. Um exemplo: Um monge chegou e disse: “Aqui, a natureza é maravilhosa, eu sinto que vou ficar aqui toda minha vida”. A velha respondeu: “Uma semana”. Na manhã seguinte o monge se deu conta que a prática era muito dura, e foi embora, exatamente como havia predito a velha senhora.

Nos mosteiros, certos monges saem de noite para ir para a cidade. Depois que se fecham as portas, eles vão para as cidades para beber vinho ou comer carne. Eles dizem que vão para a cidade para estudar um *koan* específico.

Todos vocês conhecem esta célebre história: Um monge saía toda noite, depois do fechamento das portas. Com a ajuda de grandes pedras que ele escalava, ele subia pelo muro e saltava do outro lado. Chegando na cidade, bebia, ficava bêbado, e todo alegre, voltava para o mosteiro. Chegando ao pé do muro, tateando, ele procura as pedras, sobe e volta para seu quarto. Lá chegando, ele disse de si para si que achou certa coisa bizarra. Com efeito, as pedras desta noite tinham uma textura mais macia e especialmente macia. Finalmente dormiu. Na manhã seguinte, todo mundo estava lá cerimônia: os monges, o mestre também, mas curiosamente, ele tinha as pegadas de uma sandália na cabeça. De fato, o mestre, depois de ter tirado as pedras, tinha sentado ao pé do muro, esperando. Envergonhado, o monge fujão reconheceu o fato e esperou que o mestre o fosse chamar e repreender. Um dia se passou e nada...; segundo dia, nada...; ele ficou cada vez mais inquieto, se perguntando o que ia acontecer, e no terceiro dia, não agüentando mais, ele foi visitar o mestre. O mestre lhe disse: “Quais são as novas?” “Estou realmente desolado do que fiz na outra noite”. O mestre disse: “Nesta estação, a noite fica muito fria, eu peço que você tome cuidado de não pegar um resfriado”. Depois disto, ele nunca mais saiu.

Nos dias de hoje, é assim que praticamos os *koans*, é assim que estudamos o koan do búfalo de Isan. Tudo ficou tão mais fácil! Agora, há distribuidores por toda parte, podemos achar aquilo que queremos, é suficiente de colocar uma moeda numa fenda.

Existem dois tipos de mosteiros: “o mosteiro de cidade” e o “mosteiro de montanha”. Nos mosteiros situados nas proximidades da cidade, se pode sair, encontramos pessoas muito acolhedoras, muito gentis, que nos respeitam e nos ajudam em caso de necessidade. Os mosteiros de montanha são considerados como “mosteiros de diabo”, porque se os diz habitados por diabos. Nestes mosteiros de montanha, a cidade mais próxima está a 30 quilômetros. Não é fácil chegar lá, mas mesmo assim há monges que saem. Que coragem! Eles passam a noite bebendo e na volta têm que caminhar, às vezes correr. Mesmo assim, mesmo tendo entrado tarde da noite, eles se levantam como todo mundo, fazem zazen, inclinam-se diante da estátua do Buda na cozinha, fazem *samu*.

Às vezes, numa *samgha*, uma pessoa muito diferente, muito engraçada ou muito forte, é uma boa coisa, do contrário há uma tendência a ficar moderado, um tipo de mimetismo se opera e ninguém desenvolve suas próprias particularidades. A qualidade de uma *samgha*, é claro que é o mestre, mas também é a equipe, o enquadramento, os velhos monges, os ve-

teranos, todas aquelas pessoas contam muito. Talvez eu esteja falando de vocês... Quando os discípulos são fortes, o mestre se torna forte.

Assim, muitos *koans* nascem deste contato com a terra. O koan que se segue não provém de uma relação com a terra. É o mestre ele mesmo que prepara um banho. Um monge, chamado Sayu chega e diz: “Por que o mestre não pede que um assistente o faça?” O mestre bate três vezes suas mãos, o que quer dizer que ele mesmo é o assistente. Trata-se aqui da flexibilidade, podemos colocar o pé sobre a cabeça do Buda Vairocana; trata-se também da humildade, a saber não agir em função de sua posição de mestre, mas de ser capaz de se adaptar, de se prostrar, se for necessário, diante de uma criança de quatro ou cinco anos. Esta energia é muito importante. É necessário ser como as crianças que, ao bel prazer de suas fantasias, podem se tornar tigres, búfalos, pilotar aviões, fazer tudo que imaginarem; podemos, mesmo sendo monges, nos tomar por uma vaca e fazer “muuu” ao comer a salada com a condição disto ser autêntico.

Existem muitos koans célebres por exemplo “Os três quilos de linho de Tozan”. Quando Mestre Dogen convidou Ejo Zenji que ia ser seu sucessor, ele o convidou como shuso e lhe deu como tema este koan “Três quilos de linho”, acrescentando: “Nossa samgha é muito pequena, suas experiências não são grandes, vocês ainda são jovens, não se preocupem com tudo isto”.

Isto é uma característica do zen Soto. É como a agricultura: quando plantamos um grão de nabo, ou de cenouras, não duvidamos por um só momento que com o tempo, destes grãos nascerão uma cenoura ou um nabo. O que importa é se ocupar todos os dias desta planta, de a regar e de a livrar de ervas daninhas. O método do zen Soto é cuidar do *zazen* porque os frutos estão já no bojo desta prática. Não há nenhuma dúvida quanto a este assunto, a cada momento em que você aprende, você aprecia mais esta prática. Apreciar esta prática permite ver o mundo do *satori*. Se você estiver esperando por algo mais – uma visão, um êxtase – nada mais se produzirá decerto. Este contato com o solo é um contato fixo do qual não se pode escapar. Vocês podem bater na terra com um martelo, ela sempre estará ali. Nos dias de hoje, mesmo os monges Soto *shikantaza* (“simplesmente sentados”) não compreendem mais, eu quero dizer que não sentam mais. No sistema dos *koan*, é parecido: os mestres dão respostas que permitem um reconhecimento fácil.

Agora o zen chegou à Europa. É importante, mas mais importante é saber como o transmitir, o transportar ao futuro. Existe uma parte de “estudo”, a parte de “tradução”, existem muitas coisas, mas o mais importante, é a experiência ela mesma. É o que dá a força verdadeira. Não se vê mais este tipo de monges zen dos tempos antigos. Se nossa samgha pode contribuir com isto, será muito bom.

Pergunta: Gostaria de saber se a prática tem uma influência no sono, se com o tempo o sono diminui.

Resposta: Se seu zazen é muito profundo, você dorme menos e suficientemente. Em geral, dormimos seis horas (de noite) mais uma hora de sesta depois da refeição. Às vezes, fazemos sesshins mais duros de quatorze a dezesseis zazen. Do ponto de vista da medicina chinesa, o zazen é bom para a insônia, para os problemas gástricos, o nervosismo ou a tensão. Estes problemas melhoram com a prática, tenho certeza absoluta disto. Às vezes, durante o zazen adormecemos porque as ondas do cérebro durante o sono e aquelas da concentração profunda (samadhi) são idênticas. É por isto que, quando entramos profundamente na meditação, podemos facilmente tornar adormecidos. De um outro lado, dormir durante o zazen pode se tornar um hábito: quando nos sentamos fechando os olhos, facilmente adormecemos, é preciso então ficar de olhos abertos. No que toca a maioria de nós que habitamos as grandes cidades, chegamos a um sesshin e

como brutalmente nos levantamos às quatro horas e meia, podemos dormir durante o zazen. Certas pessoas perdem o sono quando trocam de cama.

No que me toca, não me preocupo demais com o sono durante o zazen, e isto por duas razões: se estamos fatigados, podemos dizer: “Durante o zazen, durmo”. (Isto é um segredo). Então, dormimos, e no zazen seguinte não dormimos mais; podemos igualmente dizer: “Nada tenho com que me preocupar já que se dormir, o responsável do kyosaku virá me acordar”. Fazemos somente oito zazens por dia, isto não é muito.

Quando nos levantamos às duas ou três horas da manhã, estamos já nos limites das possibilidades físicas. Não há senão o espírito que nos possa empurrar para a frente, nestes estados muitas coisas podem acontecer, não sei exatamente se se trata de sonhos ou alucinações, mas é muito interessante. Estes makyo podem se parecer com as alucinações de usuários de drogas.

TEISHO nº7

É o último dia do *sesshin*. Nesta ocasião será levemente modificado com respeito aos outros dias. Assim, não haverá *teisho* propriamente dito, porque eu tenho duas informações a comunicar, e em seguida, gostaria de conhecer suas opiniões.

Nós estamos planejando uma viagem de uma semana mais ou menos ao Japão, provavelmente na primavera próxima. No programa há uma visita a dois mosteiros: Eihei-ji e Daijō-ji. A data não está ainda fixada porque esperamos a resposta de Eihei-ji. Com efeito, por ocasião do aniversário 800 de Dogen Zenji, como muitos visitantes são esperados em Eihei-ji, nosso grupo deverá se inserir entre diferentes grupos. Eu vou ao Japão em novembro próximo e combinarei com os responsáveis. Quanto ao custo da viagem falamos com Frédéric. Estamos estudando.

O segundo ponto, como vocês sabem, é este projeto de instalação no sul da França. Nós assinamos uma promessa de venda e normalmente a compra deve se concretizar. Eu tenho 99% de certeza, há um pouco de risco, mas se este projeto fracassar, eu terei tanta vergonha, que desaparecerei. Não tenhamos ilusões: se isto não for adiante, não vai adiante, é assim. No Japão, alguns estão de acordo, outros nem tanto. É um pouco como o destino, se isto vier, aceitamos.

Tenho algumas idéias, mas tenho que dizer, isto será um mosteiro zen. Se bem que o terreno tenha uma vocação agrícola, trata-se de fazer ali um mosteiro zen e em seguida, em alguns anos, de se fazer aprovar como associação cultural. Sempre respeitando as regras que dizem respeito aos terrenos agrícolas, o mosteiro sempre ficará em último plano.

Outro ponto: um mosteiro zen tradicional, isto vai significar um *sesshin* de uma semana todos os meses com a hora de levantar às três horas da manhã. Isto é fundamental. Trata-se de praticar o *zazen*, fazer os *sesshin* e mais tarde organizar o *ango*.

No decurso deste *sesshin*, falamos exclusivamente do trabalho na terra, ou seja, a prática dos monges zen, dos budas autênticos. Na minha opinião, os primeiros anos vão ser muito duros, será necessário cinco anos para que isto comece a tomar forma. Claro, cada um de vocês é bem vindo neste lugar, mas saibam entretanto que não se trata nem de um jogo nem de uma piada; não se trata de vir empurrado pela curiosidade, mas de se implicar profundamente na prática. Não é necessário tampouco ser um perito na agricultura, no caso chamaremos especialistas, profissionais, que serão remunerados. Trata-se de um sonho, de um bom sonho. Sabemos que a maioria dos sonhos desaparecem ao acordarmos, mas como vocês me conhecem um pouco melhor, podem deduzir, do que já fiz no Brasil, que este sonho não é completamente um sonho. De um lado esta idéia é realista – ficamos com os pés na terra – de um outro lado, é verdade, é completamente louca. Eu convido vocês a darem um retorno de suas impressões, a me fazer perguntas às quais responderei.

Eis aqui os projetos das atividades que poderiam ser desenvolvidas neste centro, com um fim não lucrativo:

CAPITULO AGRICULTURA

- Culturas biodinâmicas com todo um aspecto relacionado de formação, de contato, de trocas
- Cultura de orquídeas, quer dizer, a criação de um “orquidário”: cultura, cuidados, pesquisa, e talvez a criação de novas espécies
- Cultura de plantas aromáticas
- Paisagismo, quer dizer composição de jardins

OUTROS PROJETOS

- Criação de um centro de estudos de línguas estrangeiras: curso de francês para estrangeiros; curso de japonês, de inglês e outras línguas eventualmente porque um monge zen digno deste nome deveria dominar três idiomas

EM SEGUIDA

- Criação de um centro de informática do tipo banco de dados sobre o budismo, ou seja um tipo de biblioteca budista; criação de um site da internet
- Organização de conferências e de seminários sobre o tema do budismo; tradução de textos budistas e edição
- Criação de um instituto de medicina budista. A medicina budista é uma novidade que inclui um pouco todos os conhecimentos sobre a medicina tradicional chinesa: medicina holística, medicina ayurvédica Hindu, medicinas doces e tudo que tem a ver com a saúde no quadro da visão budista
- Formação “Zen administração”
- Podemos imaginar um museu budista expondo as obras de artistas contemporâneos. Seria interessante de criar um museu alternativo experimental budista, onde todas as tendências do budismo seriam representadas. Tratar-se-ia de um tipo de exposição “atmosfera” na qual o visitante pode mergulhar. O museu não exporia unicamente objetos, isto seria algo de alternativo e experimental.
- Criação de uma boutique – boutique *zen-en* que significa “Jardim zen” – onde se acharia os artigos necessários para os praticantes do zen, quer dizer, *kimonos*, *zafus*, diversos objetos japoneses e também produtos de fabricação local de Entrevaux que ainda têm que ser escolhidos, igualmente pedras e produtos artesanais do Brasil, de fato um pouco de tudo
- Cursos de culinária zen: se trata de elaborar uma cozinha – é uma cozinha zen a nascer – utilizando os ingredientes existentes na França na perspectiva zen de alimentação.
- Sem esquecer o atelier clássico da costura do *kesa*, do *rakusu* e sobretudo do *koromo*, porque o verdadeiro *koromo* chega ao calcanhar e não ao joelho...
- Podemos visualizar um curso de iniciação ao tambor, ou seja a técnica do tambor tal qual é praticada em certos templos zen; eventualmente cursos de flauta *shakubati*.
- Poderíamos também organizar cursos de artes marciais, tiro com flecha, etc.

Último ponto que gostaria de acrescentar no primeiro lugar, porque isto está incluído no item agricultura

- Criação de um conservatório para as espécies vegetais ameaçadas, o que é completamente conforme à atividade de um mosteiro, já que se trata de preservar o que vive

Esta lista não é exaustiva. Eu acrescento que se trata de um programa, não a ser realizado imediatamente, mas nos cem próximos anos, ou seja bem além de nossa geração.

Eu quis dar a vocês uma pincelada do que poderíamos criar no futuro e gostaria de ouvir suas opiniões quanto a isto. De um lado queremos manter nossa liberdade no que toca à gestão deste lugar, de um outro lado devemos ter em conta a opinião dos Japoneses. Se alguém tiver idéias não hesitem em transmiti-las, são bem-vindas suas opiniões.

Perguntas: Estes projetos me parecem muito utópicos com um sotaque new age e eu não compreendo muito bem. Eu compreendo a idéia, mas não vejo muito bem como estas numerosas atividades podem se harmonizar com o ensinamento do zen que exige ao contrário que sejamos mais interiorizados e menos abertos para o exterior. Como podemos conciliar uma prática forte de zazen num lugar tão explosivo?

Resposta: Eis aí uma excelente pergunta. Com efeito, como reunir estes dois lados antagonistas? De fato todas estas atividades nada mais fazem do reforçar a vida monástica que é fundamental. É necessário não ter ilusões. Não se trata de vir brincar, ou trabalhar o jardim. Como eu já disse, os três primeiros anos vão ser muito duros, não há como fazer todos estes projetos de um só golpe, mas de o fazer passo a passo, aquilo que for possível realizar.

O mosteiro, onde somente os praticantes serão admitidos, poderia ficar instalado na parte superiora do terreno. Haveria um anexo reservado aos visitantes, suficientemente distanciado do mosteiro para que os visitantes não perturbem a prática. Seria necessário, claro, um responsável neste centro, uma pessoa que se ocupasse disto e vivesse ali. Entre todas estas atividades que eu propus, a cultura de orquídeas poderia ser colocada em prática bem rapidamente. Estamos estudando esta questão. Eu já instalei cinco "orquidários" no Brasil. Claro que no Brasil o clima é propício, não temos necessidade de estufas, simples abrigos são suficientes. Aqui temos necessidade de estufas, pequenas e grandes, mas de toda maneira, já que não temos dinheiro, podemos começar com uma pequena estufa ou com plantação de espécies que resistam ao frio. Durante os primeiros três anos, realmente não se ganhará nada, somente vamos gastar dinheiro. Não tenhamos ilusões, tudo isto se concretizará talvez depois de minha geração. Já que este terreno foi comprado com fundos provenientes do Japão, não quero pedir mais ajudas a eles. Se eles oferecerem, tudo bem, aceitaremos, mas não é uma questão de pedir.

Os primeiros três anos, seremos muito pobres, isto será duro, mas para nós será o melhor momento para criar. Como eu já disse no dojo de Paris, se algo importante é bom, os pequenos detalhes não têm importância. Não se trata de um sonho, se trata de continuar e de trabalhar constantemente durante anos, eis tudo. De fato, quando vocês vierem, tragam algo para comer.

Pergunta: Se é o Japão que vai comprar, não haveria o risco de perder nossa independência, a saber uma menor possibilidade de fazer aquilo que você tem vontade de fazer?

Resposta: Para mim, esta perda de independência é bem vinda no sentido que se eles pagarem e se trabalharmos para eles, isto quer dizer menos responsabilidade. Temo muito mais nossa liberdade excessiva e independência. Os Japoneses não vêm para destruir, mas para construir. Minha função é de lhes mostrar que esta mentalidade japonesa tradicional não se aplica forçosamente à França. Chegando o momento, será necessário lhes explicar nossas diferenças e neste momento eles compreenderão. No Japão, eles têm a tendência de pensar que são o máximo, mas quando vêm aqui, começam a compreender e a ver seus limites.

Pergunta: Hoje em dia há, me parece, ovelhas que estão na pastagem no mosteiro. Ora, nesta lista de atividades futuras não se trata das ovelhas. Digo isto porque a cultura e a criação nas montanhas são especialmente encorajadas e às vezes subvencionadas pela comunidade europeia.

Resposta: Será preciso resolver este problema. Com efeito, uma vez por ano, as ovelhas (entre seiscentas e oitocentas) vêm pastar no terreno. Efetivamente existem estas famosas ovelhas, mas não estão lá constantemente, só transitam por ali uma vez por ano, isto limpa o terreno e isto permite que o mato novamente tome força. Os proprietários cobram um direito de pastagem que cobrem as taxas fundiárias da terra que têm que ser pagas.

Um outro problema é que nesta região, durante três ou seis meses por ano, há a caça, caça aos javalis, às raposas... Eu ignoro quanto é cobrado para obter licenças de caça, mas isto coloca um problema porque enquanto budista não gostamos da caça. Como proceder com isto?

A visão por trás destes projetos é uma visão holística. Se chegarmos a sermos reconhecidos enquanto estância, centro de pesquisa ecológica, verdadeiramente os problemas se resolverão. Existem, e isto é certo, muitos problemas a serem resolvidos.

Pergunta: O direito da caça, é algo realmente monumental. Ouvi falar disto. Quanto aos javalis: há um monte de javalis porque os caçadores cruzaram os javalis com porcas. Antigamente, os javalis somente tinham uma ou duas crias por ano, e agora, com estes cruzamentos, podem ter até quinze! Sem a caça, é a loucura, haveria javalis por toda parte. Se não forem mortos, destruiriam as colheitas e viraríamos inimigos de todos agricultores; se proibirmos ficaríamos automaticamente inimigos intratáveis dos partidários da caça. Para uma história da caça, alguns chegam a matar. Este direito da caça, que antes da revolução francesa, era somente reservada a uma classe privilegiada, foi estendida a todos os cidadãos. O fato de proibir coloca um problema ao nível psicológico, mas por outro lado, enquanto budistas, temos que preservar a vida estando ainda assim conscientes da realidade. É um problema difícil de ser resolvido.

Intervenção (de uma outra pessoa): Quanto aos javalis, na floresta de Fontainebleau, é feita uma batida uma vez por ano. Há um certo número de javalis a serem abatidos e não se tem o direito de matar mais do que esta cota. Eles o fazem com todo um ritual.

Resposta: É realmente necessário que compreendamos a mentalidade das pessoas que estão ao redor de nós e que não nos oponhamos a eles. É preciso ter relações amigáveis com nossos vizinhos – e não estou falando politicamente – isto é fundamental. Trata-se de explicar francamente as coisas e achar soluções todos juntos.

Pergunta (inaudível)

Resposta: Para mim, a sangha é os monges, monjas e os leigos – homens e mulheres – e não existe muita diferença entre eles. Portanto, haverá o mosteiro que é algo à parte, e pouco a pouco, as pessoas poderiam vir morar na propriedade e se consagrarem a seus trabalhos e às suas vidas particulares. Em Kagyuling, algumas pessoas construíram (às suas custas) casas onde podem ficar, mas que ficam à disposição do mosteiro, a saber, que durante suas ausências, alguém mais as pode ocupar. O mosteiro pode utilizar esta casa para hospedar visitantes, pessoas de passagem que podem participar ou não das atividades do mosteiro, se beneficiando de um lugar particular onde eles podem ler e fazer o que quiserem. Aqueles que financiaram a construção destas casas não possuem o direito de propriedade. Isto pode ser estudado. Na escola Soto, não há senão mosteiros e não há outro tipo de construções. Além disto, não se passa a vida no mosteiro, ali se fica durante dois ou três anos para sua formação e em seguida se vai a outros lugares.

Na França, eu gostaria de criar uma estrutura onde monges e leigos pudessem viver suas vidas todas. Seria uma espécie de vilarejo, um lugar onde a disciplina não seria talvez tão estrita quanto nos mosteiros japoneses.

Por outro lado, há o exemplo de Rinzaï ou ao redor do mosteiro existem muitos templos “tachiü” (pode chegar a haver trinta ou quarenta dependendo do mosteiro). Estes templos foram construídos por monges

que praticam perto de um grande mestre e querem ficar perto dele para aprofundar suas práticas sem que por outro lado tenham que viver constantemente na congregação de monges.

Este terreno que compramos, tendo a vocação agrícola, existem numerosas regulamentações a respeito disto e eu não tenho certeza que se possam obter as autorizações para construir casas. Mas, para responder à sua pergunta, monges e leigos praticam juntos.

Pergunta: Você tem uma idéia da capacidade de receber pessoas?

Resposta: Eu acho que o terreno pode receber hoje em dia vinte pessoas no máximo. No primeiro ano, nas construções existentes, talvez trinta; nos anos seguintes, trinta outros, e isto será o suficiente para minha geração.

Pergunta: Qual é o mínimo necessário para se começar?

Resposta: O mínimo é três, e se tivermos três, faríamos um sesshin por mês.

Pergunta: Três incluindo você?

Resposta: Sim, comigo.

Pergunta: Portanto, um monge, um jikido e um kyosaku.

Resposta: No Brasil, no primeiro mosteiro que instalei, começamos com quatro. Eu era mais jovem. Durante o Robatsu, havia duas pessoas que passavam o kyosaku para duas pessoas sentadas.

Eu já disse que se alguém ficar mais de três meses, não precisaria pagar nada. Abaixo de três meses seria necessário pagar (o preço tem que ser determinado ainda) e quando os projetos estiverem florescendo, eu espero que as pessoas que ali residissem pudessem ganhar dinheiro.

No Rocher de la Baume, existem muitas nascentes – pelo menos cinco – e certas nascentes vão até aos vilarejos. Estes vilarejos dependem de nossa água e portanto o cuidado com estas nascentes é muito importante. É muito importante proteger estas nascentes, não contaminar esta água, plantar árvores etc. Durante três anos, eu repito, isto vai ser muito duro. Por outro lado, não gostaria de fazer muita publicidade, exceto no Japão, onde faria anúncios em alguns jornais. No que toca a França, podemos falar com pessoas que realmente queiram praticar. Por outro lado, sou estrangeiro aqui e não podemos brincar com o direito francês. A compatibilidade e todas as questões de ordem judiciária devem ser tratadas por experts, advogados competentes. Já temos contatos que são muito bons e muito caros!

De qualquer maneira, venham nos prestar uma visita. Em Puget Théniers, o vilarejo situado a trinta minutos do Rocher de la Baume, podemos fazer canoagem, caiaque, rafting, e além disto existe um excelente restaurante. Vocês podem vir praticar uma semana e em seguida relaxar e aproveitar que estão aqui.

A decisão da compra será tomada no dia trinta de novembro. Em dezembro, há um sesshin de uma semana do lado de Poitiers e em seguida temos as férias.

Então, isto começará no ano que vem. Nesta região, o inverno é bastante duro. Eu irei lá no começo do ano e começarei a preparar a acolhida das pessoas. Não fiquem surpresos, está longe de ser luxuoso.

Terminou, muito obrigado.

Fim do sesshin.